UNE ✦ SACRA

Povos Originários do Brasil

Lenda do Jurupari

✦ ✦ ✦

Maximiano José Roberto (recolha) e Ermanno Stradelli (tradução)

Tradução (edição 1.5)

Créditos

Autor	Maximiano José Roberto (recolha) e Ermanno Stradelli (tradução)
Data	1890
Idioma original	Nheengatu
Versão	Tradução (edição 1.5)
Tradução	Tradução popular, a partir do texto italiano de Ermanno Stradelli
Fonte	Bollettino della Società Geografica Italiana, 1890, pp. 659–689 e 798–835 — Internet Archive
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

A Lenda do Jurupari é o grande mito sagrado dos povos do Uaupés e do Içana, no alto Rio Negro (Amazonas): conta como Jurupari, filho de uma virgem fecundada pelo sumo de uma fruta, foi enviado pelo Sol para mudar os usos e costumes dos homens, criou os instrumentos sagrados que as mulheres não podem ver e fundou as festas e as leis que levam o seu nome — à procura de uma mulher perfeita, que fosse paciente, discreta e soubesse guardar um segredo.

O texto foi recolhido em nheengatu por Maximiano José Roberto, de pai manao e mãe tariana, que juntou as versões de vários narradores e as submeteu à crítica dos próprios indígenas.

O conde Ermanno Stradelli (1852–1926), explorador italiano da Amazônia, traduziu-o para o italiano e publicou-o em 1890 no Bollettino della Società Geografica Italiana, em duas partes. O manuscrito em nheengatu nunca foi publicado.

É um registro do século XIX, com as palavras e os juízos da época, e um dos primeiros grandes textos indígenas da Amazônia publicados por inteiro. O culto do Jurupari, com

as flautas sagradas tocadas nos rituais de iniciação dos rapazes, continua vivo entre povos do alto Rio Negro.

Fonte: https://archive.org/details/bollettinodella32italgoog

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

CAPÍTULO I

✦

1 No princípio do mundo, uma terrível epidemia assolou os habitantes da Serra do Tenui e atacou exclusivamente os homens. Dela só escaparam alguns velhos já gastos e carregados de anos e um antigo pajé.

2 Preocupadas com isso, as mulheres, que viam num futuro não distante extinguir-se a sua raça, pois não havia nas vizinhanças nenhuma terra onde pudessem recorrer para suprir o que lhes faltava, resolveram reunir-se em conselho para ver se conseguiam achar saída para aquele estado de coisas.

3 Em todos os rostos estava pintada a consternação; só o velho pajé permanecia calmo e impenetrável.

4 Contra o costume, a sua ciência, julgada impotente naquele caso, não tinha sido consultada.

5 Foi nas margens do Lago Muypa, onde Seucy (nome dado à constelação das Plêiades) costumava banhar-se, que se realizou a assembleia das mulheres.

6 Ali se debatiam os pareceres mais estranhos e diversos. Uma propunha tentar revigorar ainda aquelas velhas carcaças e atirá-las aos peixes se a tentativa não desse certo; houve até quem propusesse experimentar se mulher podia fecundar mulher; e a discussão, animando-se, prolongou-se até que as surpreendeu Seucy, que, como de costume, vinha banhar-se.

7 Só então deram com o pajé tranquilamente sentado entre elas, sem que nenhuma pudesse dizer nem quando, nem como ele tinha chegado ali.

8 Envergonhadas de terem sido apanhadas em flagrante, quiseram fugir, mas não podiam: os seus pés pareciam cravados no chão como pedras.

9 E o pajé falou assim:

10 «Vejo, infelizmente, que nunca se poderá achar na terra mulher paciente, discreta e capaz de guardar um segredo.»

11 «Não está muito longe o tempo em que o Sol me avisou em sonho que eu não permitisse a mulher alguma aproximar-se de noite das margens deste lago. Eu vos avisei desta proibição e encontro-vos todas aqui, e não só isso, mas tramando coisas vergonhosas contra nós, velhos, desobedecendo assim às ordens daquele que governa o mundo.»

12 «Seucy, senhora deste lago, cujas águas ficaram impuras com as vossas impurezas, não virá mais, de hoje em diante, banhar-se nelas.»

13 «A geração que nascer amanhã excluirá para sempre as mulheres de qualquer participação nos negócios de alguma gravidade».

14 A estas palavras as conspiradoras perguntaram como loucas: «Se não mentes, dize-nos como e quando isso poderá acontecer?»

15 «Eis-vos ainda tão impacientes que vos atreveis até a interrogar-me. Pensam que sou mentiroso, quando sabem que sou um pajé, que tudo enxergo através da minha imaginação».

16 E ele foi banhar-se com todas as mulheres nas águas do lago, de onde cada uma voltou com um sorriso nos lábios e uma esperança no coração.

17 «Agora», disse o pajé, «cada uma tem nas entranhas o germe da vida.» Na verdade, todas estavam grávidas: ele as fecundara a todas, sem que elas sequer o suspeitassem.

18 Feito isto, o velho pajé, com uma agilidade imprópria da sua idade, subiu a Serra do Dubá. Chegando lá, soltou um grito prolongado: éééé... e precipitou-se no lago, cuja superfície ficou toda coberta de um pó branco. Era o pó com que o pajé, que não era velho como parecia, tinha escondido a sua juventude.

19 Também Seucy mergulhou no lago, deixando como sinal da sua passagem no azul do céu um caminho quase branco, semeado de pequenas estrelas.

20 As mulheres, cheias de contentamento, contavam umas às outras o feliz acontecimento, esquecendo que todas o tinham presenciado igualmente; e, tomadas às vezes de estranhas suspeitas, que desapareciam diante da realidade dos fatos, examinavam-se atentamente para terem certeza de que aquilo não era sonho.

21 Dez luas depois, no mesmo dia e na mesma hora, todas davam à luz, garantindo com isso o futuro da gente do Tenui.

22 Entre os recém-nascidos houve uma menina esplêndida, que pela sua beleza foi chamada Seucy. A Seucy da Terra era o retrato da Seucy do céu e cresceu até a idade dos primeiros amores tão pura como a estrela da manhã.

23 Um dia teve vontade de comer frutas do pihycan (fruta proibida às donzelas que ainda não chegaram à puberdade, porque desperta nelas os apetites latentes) e embrenhou-se na floresta. Achou facilmente as frutas desejadas e não teve trabalho em colhê-las: alguns macacos, poucos momentos antes, tinham derrubado uma grande quantidade delas, que estavam ainda no chão, frescas e apetitosas. A bela menina escolheu as mais bonitas e maduras e, juntando-as diante de si, começou a comê-las.

24 Eram tão suculentas que parte do sumo, escorrendo entre os seios, descia a banhar-lhe as partes mais recônditas, sem que ela prestasse a isso a menor atenção.

25 Comeu delas até se fartar e só voltou para casa perto da hora das tristezas, contente por ter satisfeito um desejo havia muito tempo alimentado.

26 Sentia, contudo, os membros como entorpecidos por uma sensação estranha, nunca antes experimentada.

27 Movida por um instinto material, examinou-se atentamente e percebeu que a sua virgindade já não existia e que nas suas entranhas havia alguma coisa desconhecida.

28 Envergonhada, nada disse à mãe e guardou ciosamente o seu segredo, até que o tempo se encarregou de tornar conhecido o seu estado.

29 Então, interrogada pelos da tribo, que queriam vingar a afronta no violador, contou na sua simplicidade a história do pihycan.

30 Depois de dez luas ela teve um menino robusto, que superava a mãe em beleza: parecia-se com o Sol.

31 Os Tenuiana, logo que souberam do nascimento do menino, proclamaram-no tuxaua e deram-lhe o pomposo nome de Jurupari, isto é, gerado da fruta.

32 Jurupari tinha apenas uma lua quando os seus resolveram preparar e entregar-lhe as insígnias de chefe.

33 Faltava, contudo, a itá-tuxaua (itá: pedra, tuxaua: chefe), que era preciso ir buscar na Serra do Gancho da Lua, e uma parte da tribo já se preparava para essa viagem.

34 A direção das coisas, contudo, estava em grande parte nas mãos das mulheres, e por isso logo surgiram opiniões diferentes, que em pouco tempo dividiram a tribo em dois partidos.

35 Uns queriam que toda a tribo, em massa, fosse buscar a pedra; outros, que fossem só os homens, já que as mulheres não podiam tocá-la.

36 Discutindo, gastaram outra lua, até que lhe pôs fim o desaparecimento de Jurupari.

37 Que acontecera entretanto a Jurupari?

38 Sua mãe não sabia.

39 Tinha desaparecido, mas ninguém da aldeia sabia como.

40 As mulheres atribuíram aos velhos o rapto de Jurupari e, embora os interrogassem inutilmente, intimaram-nos a devolver o menino no prazo de um dia, sob pena, se não o fizessem, de serem submetidos ao «suplício dos peixes», isto é, de serem amarrados dentro da água só com a cabeça de fora e feridos, para que fossem devorados pelos peixes, atraídos pelo gosto do sangue.

41 E, com medo de que eles fugissem para escapar ao castigo, amarraram-nos imediatamente, tirando assim aos coitados toda esperança de salvação.

42 Para todos, preocupados com os acontecimentos, a noite corria longa, e ainda ninguém dormia na aldeia, quando se ouviram distintamente na floresta os vagidos de Jurupari, e justamente na direção da árvore do pihycan.

43 Todos foram para lá, e já ouviam claramente a respiração ofegante do menino, quando tudo voltou a ficar tranquilo.

44 Procurando por toda parte, examinaram a árvore galho por galho, as moitas, as plantas vizinhas; mas não acharam nada que os pudesse pôr na pista do menino, e só deixaram a floresta à tarde.

45 À noite, contudo, à mesma hora, na mesma direção, ouviram-se de novo os vagidos de Jurupari.

46 Procuraram, procuraram ainda, bem decididos, se fosse preciso, a não fazer outra coisa a vida inteira; mas não tiveram melhor resultado.

47 Na terceira noite cercaram a árvore do pihycan; mas qual não foi o espanto dos sitiantes quando ouviram os vagidos soar no meio deles, sem que conseguissem atinar com o lugar de onde partiam.

48 Os vagidos eram tão lamentosos que faziam mal.

49 Assustados com a estranheza do fato, abandonam precipitadamente a floresta, jurando não voltar mais lá para procurar Jurupari.

50 Nem por isso os vagidos cessaram; e se os habitantes da aldeia já não se ocupavam deles, a infeliz Seucy, retirada no pico mais alto da montanha, chorava a sua criatura e, ouvindo os vagidos do filho, adormecia até os primeiros alegres alvores do dia.

51 Assim se passaram três noites.

52 Uma manhã, ao acordar, ela sentiu que os seus seios já não continham o leite que os enchia quando adormecia.

53 Quis desvendar o mistério e prometeu a si mesma ficar acordada; mas, quando começavam os vagidos de Jurupari, um torpor invencível a tomava, e ela adormecia num sono profundíssimo.

54 Quando acordava, os seus seios estavam sem leite.

55 Nunca soube quem, durante o seu sono profundo, se alimentava com o leite do seu peito.

56 Assim se passaram dois anos; mas, ao começar o terceiro, em vez de vagidos eram cantos, eram gritos, era o riso de um menino alegre, com que a coitada ouvia ressoar a montanha; eram corridas, eram lutas com seres desconhecidos, que muitas vezes ela ouvia ecoar bem perto de si.

57 E enquanto ele crescia nas montanhas do Tenui, invisível, mas forte e robusto, a coitada ia ficando velha; e quando, 15 anos depois, Jurupari veio buscá-la, ela ainda estava lá, indiferente a tudo, sentada no mesmo lugar onde tantas noites, sem saber, o tinha amamentado.

58 Foi no tempo em que as bacabas (fruto de uma palmeira) estão maduras, numa noite de luar, noite em que a Seucy celeste voltou a banhar-se no lago, que Jurupari reapareceu na aldeia em companhia de sua mãe, a Seucy da Terra.

59 Era um rapaz bonito, bonito como o Sol.

60 Os Tenuiana, mal souberam da volta de Jurupari, lembrando-se de que ele era o tuxaua eleito, trataram logo de entregar-lhe os ornamentos de chefe, embora ainda faltasse a itá-tuxaua.

61 Jurupari já tinha recebido das mãos do Sol, na véspera do seu aparecimento, um matiry (espécie de saco onde o índio leva uma porção de coisas pequenas, necessárias aos usos mais comuns), no qual estavam guardados todos os meios de que precisava para realizar a reforma dos costumes.

62 Sorriu das artimanhas das mulheres ambiciosas, porque, embora a população se compusesse de uma porção de homens, irmãos da Seucy da Terra, estes não tinham voto deliberativo, tanto se dobravam à vontade materna.

63 Na noite seguinte à sua chegada, ao som de nembé, maraiá e iauty, os Tenuiana foram à casa de Jurupari apresentar-lhe as insígnias de chefe.

64 Jurupari não as quis aceitar, porque não estavam completas, mas ordenou aos homens que na noite seguinte comparecessem na Serra do Canukè, nas margens do Lago Muypa, onde se tratariam negócios comuns.

65 As mulheres, que até então eram as únicas a dirigir os negócios da terra, ficaram logo descontentes por serem excluídas da reunião e prometeram a si mesmas depor aquele que, em tão má hora, tinham eleito tuxaua, apoiando-se para isso no fato de ele ainda não ter recebido os ornamentos de chefe.

66 Jurupari, naquela mesma noite, tirou do seu matiry uma panelinha e um pedaço de xicantá (espécie de resina), que pôs no fogo dentro dela.

67 Da primeira fervura nasceu uma porção de morcegos, corujas e outras aves noturnas semelhantes, que se espalharam pelo espaço.

68 Da segunda fervura nasceram araras, papagaios, periquitos e outras aves semelhantes, que por sua vez se espalharam pelo espaço.

69 Da terceira fervura ganharam vida uma porção de pequenos falcões e, por último, o uirá-uassu (águia), por meio do qual ele se transportou à Serra do Gancho da Lua.

70 Rápidos como uma flecha chegaram à montanha, onde estava sentada a formosa Renstalro (nome tariana da Lua), tendo na mão do coração os ornamentos de penas e na outra a itá-tuxaua.

71 Renstalro vestiu com as próprias mãos Jurupari com os ornamentos de chefe, sem proferir uma única palavra.

72 Terminada a cerimônia, Jurupari voltou à aldeia com os primeiros sorrisos do dia, de modo que ninguém soube do grande acontecimento.

73 Durante o dia, as mulheres Tenuiana decidiram saber a todo custo, por meio de espiãs, o que aconteceria na reunião convocada por Jurupari. Para isso foram escolhidas as que não tinham filhos pequenos.

74 Todos já estavam reunidos na Serra do Canuké quando apareceu Jurupari vestido de tuxaua. Resplandecia nos seus ricos ornamentos.

75 Ali falou dos negócios comuns, ordenando antes de tudo que cultivassem a terra, e revelou as leis que deviam ser guardadas em segredo e regular dali em diante a conduta deles.

76 Começou declarando que a sua constituição duraria com o nome de Jurupari enquanto o Sol iluminasse a Terra, e proibindo absolutamente às mulheres tomar parte nas festas dos homens quando estivessem presentes os instrumentos especiais, que seriam distribuídos na próxima assembleia inaugural.

77 A mulher que violar esta proibição fica por isso condenada à morte, condenação que deverá ser executada por quem primeiro tiver conhecimento do delito, seja ele pai, irmão ou marido.

78 Do mesmo modo, o homem que mostrar os instrumentos ou revelar a uma mulher as leis secretas em vigor será obrigado a envenenar-se; e, se não quiser, o primeiro que o encontrar deverá matá-lo, sob ameaça de incorrer na mesma pena.

79 Todos os jovens que tiverem chegado à idade da puberdade devem conhecer as leis de Jurupari e tomar parte nas festas dos homens.

80 As festas se realizarão:

81 Quando a cunhaquyra (virgem) for deflorada pela Lua (tiver a primeira menstruação).

82 Quando tiver de comer as frutas do pihycan.

83 Quando tiver de comer caça da floresta.

84 Quando tiver de comer carne de peixe grande.

85 Quando tiver de comer aves. Tudo isso, contudo, depois que a cunhaquyra tiver passado uma lua inteira esperando a sua hora e alimentando-se de caranguejos, saúvas e beiju, sem ver homens nem ter contato com eles.

86 Quando for dado dabucuri de frutas, peixe, caça ou outra coisa, como penhor de boa amizade.

87 Quando terminar qualquer trabalho pesado, como derrubar árvores, construir casa, plantar roça ou outro trabalho semelhante.

88 Todos os tocadores de Jurupari devem ter à mão uma capeia (chicote, em baníua) para se açoitarem uns aos outros, em lembrança do segredo que todos devem guardar.

89 Todos aqueles a quem couber algum instrumento de Jurupari (o que acontecerá na próxima lua cheia) serão obrigados a ir ensinar por todas as terras do Sol não só as coisas agora ditas, mas também as que forem ensinadas no dia inaugural.

90 Quando a reunião terminou, o tuxaua Jurupari chorava. Ninguém, contudo, ousou interrogá-lo.

91 Depois, quando desceram da montanha, encontraram pelo caminho as mulheres que tinham vindo espiar o que acontecia e acharam-nas transformadas em pedras.

92 Todas conservavam a fisionomia que tinham quando eram vivas.

93 Quem as tinha deixado assim? Ninguém nunca o soube exatamente. O certo é que ali ficou a própria mãe de Jurupari. Estava com o rosto voltado para o oriente, apontando com a mão do coração na direção do Lago Muypa e com a outra para a árvore do pihycan, rejuvenescida e com um sorriso malicioso nos lábios.

94 Depois de um castigo tão tremendo, contudo, as mulheres Tenuiana, em vez de se arrependerem assustadas, exasperaram-se ainda mais contra Jurupari, a quem agora chamavam buscan (coração duro, no dialeto uynamby), e juraram acabar com ele para poderem continuar a mandar segundo o seu capricho.

95 Jurupari, por sua vez, para evitar novos castigos, resolveu mandar construir uma casa bem longe do lugar onde viviam, para ali poder fazer as suas reuniões.

96 Para isso chamou os cinco velhos da tribo e deu-lhes as ordens e as instruções necessárias para que fossem às margens do Aiary (pequeno afluente do Içana) e lá construíssem uma casa com todas as comodidades desejadas.

97 Mas, disse Jurupari, parti de noite, para que ninguém na aldeia o saiba; e quando já estiverdes bastante longe daqui, levai ao nariz esta pussanga (talismã, fetiche), e vos achareis transportados num instante, pelas nuvens, ao Aiary.

98 Logo que a noite chegou ao meio do seu curso, os velhos deixaram a aldeia; e quando já estavam bem longe, cada um levou ao nariz as suas unhas de preguiça (era esta a pussanga que tinham recebido), e antes que pudessem pensar nisso acharam-se transportados para cima de uma rocha que se ergue à margem do Aiary.

99 Como não havia nada que os pudesse distrair, naquele mesmo dia escolheram o lugar onde a casa devia ser erguida, e a maioria dos velhos decidiu que ela deveria levantar-se sobre aquela mesma pedra.

100 Quando apareceu o Sol do dia seguinte, deram início ao trabalho e começaram pelas portas, que ficaram prontas naquele mesmo dia.

101 No outro dia escavaram os aposentos, que ficaram prontos antes que viessem as sombras da noite.

102 No terceiro fizeram os assentos e os outros acessórios, que ficaram prontos antes do anoitecer.

103 Assim, em três dias, a Jurupari-oca ficou pronta, e isso porque a pedra ainda era iaquira (verde, ainda não dura).

104 Faltavam 15 dias para o dia marcado para a vinda de Jurupari, e os velhos resolveram aproveitar o tempo para explorar os arredores.

105 Ao primeiro canto do buá-buá (espécie de sapo) meteram-se no mato, rumo ao oriente. Andaram a distância de um grito, encontraram um caminho largo, que seguiram, e subitamente ouviram sons, cantos e risos.

106 «Companheiros», disse um dos velhos, «aqui perto há uma aldeia; que devemos fazer?»

107 «Ir até lá», disseram os outros; «temos certeza de que não hão de nos tomar por inimigos, e chegaremos em boa hora: a música nos diz que estão em tempo de festa».

108 «Vamos, então, até lá.»

109 Mal os velhos Tenuiana foram avistados pelos Nunuiba, logo veio ao seu encontro, para recebê-los, um bando de formosas mocinhas, que os convidaram a tomar parte nas festas dadas pelo casamento da filha do tuxaua.

110 O próprio Nunuiba veio receber os recém-chegados e levou-os à sala da dança, entregando a cada um um maracá, sinal de amizade e de paz quando vem das mãos de um chefe.

111 Os velhos, depois de beberem algumas cuias de caxiri e de capy-ipinima, entraram também na roda das danças, cada um com uma formosa mocinha ao lado.

112 Elas, nas danças, desdobravam todas as suas seduções e com gracejos e conversas procuravam excitar os seus velhos companheiros.

113 Manda o costume que nas terras do Sol não se recuse nada do que é oferecido: e os velhos beberam além da medida e acabaram por se embriagar, e um deles deixou escapar estas palavras imprudentes:

114 «Que terra boa é esta, onde as mocinhas são todas bonitas como era a nossa Seucy! Mas quem sabe se amanhã não terão de amaldiçoar a nossa chegada entre elas, por causa da lei de Jurupari!»

115 Dito isto, adormeceu.

116 Logo as palavras imprudentes correram de boca em boca, fazendo o efeito de um redemoinho na cachoeira.

117 «É alguma traição tramada contra nós», disse uma das Nunuiba; «devemos procurar descobri-la quanto antes, para ficarmos com o coração limpo. Amanhã cada uma de nós, aqui ou na casa deles, por sedução ou de surpresa, deve obrigá-los a nos dizer o que há contra nós.»

118 Aprovada a proposta, decidiram que algumas delas iriam no dia seguinte à casa dos velhos.

119 E assim se fez.

120 Quando os velhos voltaram para casa, já estavam lá as moças mais bonitas da aldeia, recém-saídas do banho.

121 Elas se apressaram a levá-los para dentro de casa, abraçando-os afetuosamente, e ali já lhes tinham preparado as redes e o cudiary com a mandioca mais branca e sã, colhida por elas mesmas.

122 Terminada a leve refeição, os velhos foram descansar nas suas redes; mas não era isso o que as astutas moças desejavam.

123 Em vão, contudo, com mil seduções e artes diversas, tentaram fazer reviver os sentidos mortos dos coitados.

124 Todas as artes, todas as seduções ficaram frustradas; e ao cair da tarde as moças retiraram-se sem nada ter conseguido, prometendo a si mesmas, contudo, voltar no dia seguinte.

125 Os velhos ficaram olhando uns para os outros, desanimados, sem trocar uma palavra, até que a mãe do sono veio levá-los ao mundo das imagens, ela que, por mais velha e feia que seja, é amada por todos os viventes.

126 Mas se durante o dia os velhos fizeram tão má figura, as coisas mudaram em sonho.

127 Os papéis estavam invertidos.

128 Eles eram os empreendedores e ardentes; elas, fracas e frias, eram vencidas no segundo assalto.

129 Ao nascer do sol do dia seguinte, as moças chegaram à Jurupari-oca e, encontrando os velhos ainda mergulhados no sono, aproveitaram a ocasião e meteram-se nas redes deles.

130 Aconteceu então que os velhos, ao acordarem, já com o sol alto, acharam nos seus braços justamente aquelas que durante a noite tinham partilhado as suas imaginárias alegrias.

131 Facilmente se convenceram então de que não tinha sido sonho, mas realidade.

132 E as astutas, percebendo o engano em que eles tinham caído, longe de tentar dissuadi-los, aumentavam a sua convicção.

133 «Por que não satisfizeste ontem os meus desejos, cansando-me em vez disso esta noite?»

134 E as palavras eram acompanhadas de beijos e carícias.

135 «Amigos, o dia passa sem que a gente sinta; vamos comer».

136 Alguns momentos depois todos estavam comendo, cada um tendo ao lado o fruto do seu mau dormir.

137 As Nunuiba, mais do que das carícias e dos beijos, esperavam chegar ao seu intento com o capy e o caxiri, e forçavam os seus velhos amantes a beber muitas vezes do curupy (vaso especial para o capy), ao que eles, alegres e contentes, não tentavam esquivar-se.

138 O Sol já estava a pino quando acabaram; e os velhos foram logo para a rede, aonde as mocinhas os seguiram.

139 A embriaguez dá uma certa audácia e excita até os mais frios. Eram agora os velhos que procuravam excitar as mocinhas e, como não podiam com outra coisa, era com os dedos que delicadamente lhes faziam cócegas, até que cada uma se sentiu transformar numa fonte úmida.

140 E os velhos se esquentavam no jogo, e Ualri (tamanduá, em baníua), em quem o prazer era mais intenso, pôs-se a lamentar a rigorosa lei de Jurupari e pouco a pouco contou todos os segredos dela.

141 E assim, pela narração involuntária de Ualri, as Nunuiba já tinham alcançado o seu objetivo.

142 E quando os velhos adormeceram, elas se retiraram, voltaram para a sua aldeia e repetiram o que tinham ouvido.

143 Desde aquele dia as Nunuiba nunca mais voltaram à Jurupari-oca.

144 Os velhos, já acostumados àquela companhia, passavam o tempo lamentando tamanha ingratidão.

145 A lembrança era viva, e todos os dias tinham notícias das belas Nunuiba por uns meninos robustos que vinham banhar-se no rio.

146 Uma manhã Ualri, encontrando-se com um bando deles, perguntou-lhes aonde iam.

147 «Apanhar uacu» (fruto de uma leguminosa gigantesca), responderam.

148 «Também vou convosco», disse Ualri; «quero mandar um cesto deles à ingrata Diadue.»

149 «Vamos», disseram os meninos; «aqui perto há uma árvore carregadíssima de frutos; vai dar para todos.»

150 Como o uacucuyua era muito grande e os curumins (meninos, em língua geral) não podiam subir nele, pediram ao velho que subisse, para lhes atirar os frutos.

151 E o velho os atendeu, recomendando-lhes, contudo, que não acendessem fogo debaixo da árvore.

152 Ualri já derrubava uacu do meio dos galhos quando os moleques acenderam embaixo uma grande fogueira para nela assar os frutos.

153 O fruto é muito oleoso: uma fumaça densa envolveu a árvore num instante.

154 Sentindo-se sufocar e com pouca esperança de salvação, Ualri mal teve tempo de se agarrar entre um galho e outro para não cair, sem sequer se lembrar, naquele momento, do amuleto que trazia ao pescoço.

155 Os curumins comiam os frutos assados sem sequer imaginar os tormentos por que passava o velho; só quando ficaram satisfeitos apagaram o fogo.

156 Quando a fumaça se dissipou, notaram que dos galhos da árvore descia até o chão um grosso cipó, que antes não estava ali, e por ele viram descer Ualri.

157 «Avô, que cipó é esse que te serviu de caminho?»

158 «Ualri-puy (baba de tamanduá)», respondeu ele furioso. «Já se esquecem de que me estavam sufocando com a fumaça. Fique este como sinal, para lembrar que uns moleques quiseram matar um velho».

159 E levou ao nariz o seu amuleto e pediu chuva, raios e trovões: e foi logo atendido.

160 E os meninos corriam de um lado para outro para se abrigar do temporal.

161 Ualri, de dentro do mato, chamou-os, dizendo que ali havia uma casa para se abrigarem.

162 E levou o amuleto às narinas e pediu para ser transformado em casa, e virou uma casa, e os curumins entraram nela; e quando o último entrou, as portas se fecharam, e os meninos ficaram assim na barriga de Ualri, que voltou a ser homem.

163 E esta foi a punição que Ualri deu aos meninos malvados.

164 Quando, chegada a noite, os Nunuiba não viram voltar os meninos que tinham ido apanhar uacu, foram com as mães dos desaparecidos dar notícia do fato ao tuxaua.

165 E o tuxaua mandou chamar o pajé para interrogá-lo.

166 E o pajé, depois de tomar um pouco de caragiru da lua e acender o seu cigarro de tauari, foi ao porto fazer os esconjuros necessários.

167 Quando voltou, disse:

168 «Os curumins estão dentro da barriga de um daqueles velhos que vivem na pedra; foram engolidos durante o temporal que veio hoje; e para salvá-los é preciso preparar muito capy e muito caxiri, para que amanhã se possam embriagar os próprios velhos e ver se aquele que os engoliu os vomita».

169 E imediatamente toda a aldeia pôs mãos à obra para preparar as bebidas pedidas.

170 E o pajé subiu ao teto da casa, de onde soprava, em direção ao lugar onde estavam os velhos, grandes nuvens de fumaça do seu tauari, enquanto aspirava grandes pitadas de caragiru da lua.

171 Entretanto Ualri, depois daquela terrível vingança, não tirava mais o talismã do nariz.

172 Quando a noite se voltava para a madrugada, todos os seus ossos pareciam transformados em instrumentos, e ouviam-se distintamente os sons que saíam deles.

173 Os seus companheiros logo perceberam que em Ualri havia alguma coisa de extraordinário.

174 E Ualri, antes do Sol, saiu de casa e voou.

175 O pajé, que ainda estava no teto da casa do tuxaua, viu-o e ouviu-o quando passou sobre a aldeia.

176 As moças, mal cantou o buá-buá, partiram para a Jurupari-oca e, ao chegarem, encontraram Ualri já de volta; e Diadue, já instruída pelo pajé, abraçou-o com toda mostra de afeto.

177 «Bons amigos, viemos convidar-vos a vir à aldeia; está tudo pronto, só se espera a vossa chegada para começar a dança; não deixemos o tempo passar.»

178 «Vamos», responderam eles.

179 Quando se aproximavam da aldeia, Ualri largou o braço de Diadue e voou para uma palmeira, e os seus ossos começaram a tocar uma música festiva que era desconhecida de todos.

180 «Agora», disse Diadue, «bebamos e dancemos, aturdamos os nossos corações até amanhã.»

181 E o caxiri e o capy eram oferecidos com frequência cada vez maior, mas até a tarde Ualri se mantinha senhor de si, enquanto os seus companheiros já estavam bêbados havia muito tempo.

182 E o pajé, que com o próprio sopro tinha tornado as bebidas mais fortes do que de costume, estava admirado de que ele resistisse tanto.

183 E Ualri bebia, bebia e não sentia nada, e quando veio a noite voou e voltou à Jurupari-oca.

184 «Agora», gritou o pajé, «é o momento de lhe tirar o amuleto que o protege, agora que vai passar um instante adormecido; mas é preciso pôr-se já a caminho.»

185 Logo Diadue se pôs a caminho com alguns companheiros, e quando chegaram à casa Ualri já estava de pé, e dos seus ossos saía aquela mesma música festiva já ouvida, mas desconhecida de todos.

186 E o urutau (ave noturna) começou a gritar no caminho, e ele voou de novo para a aldeia.

187 E Diadue voltou correndo com os companheiros, e quando chegou à sala da festa, Ualri estava sentado num canto, e dos seus ossos ainda saía aquela mesma música festiva, mas muito baixinha.

188 O pajé disse então ao tuxaua que os meninos tinham morrido naquele momento.

189 «E agora, para exemplo dos seus companheiros, acabemos com ele, antes que nos escape e isso se torne impossível.»

190 E ungiu os homens que deviam apoderar-se de Ualri com manufá (planta usada pelos indígenas como perfume e como remédio contra as hemorragias), única pussanga que podia vencer a maracaimbara que o defendia.

191 E ordenou a Diadue que, durante a luta, aproveitando um momento favorável, procurasse tirar a maracaimbara que Ualri escondia dentro do nariz.

192 Fez-se como ele tinha dito.

193 Quando o Sol chegou ao meio do céu, o pajé entrou na sala e lançou-se imediatamente sobre Ualri, e os dois fizeram um só e caíram no chão.

194 Os homens, que já estavam prontos, escondidos na sala de jejum das moças, correram ao lugar da luta, munidos de cordas para amarrar Ualri.

195 Diadue atirou-se logo à cabeça dele para lhe tirar o amuleto; mas ele, percebendo a sua intenção, com um esforço supremo tirou com uma das mãos a maracaimbara do nariz e engoliu-a.

196 Dos ossos de Ualri, no ardor da luta, saía uma música espantosa.

197 Os seus companheiros, mal acordados e com a cabeça pesada da embriaguez, assistiam a tudo de braços cruzados.

198 Depois de uma luta de dois espaços de tempo, Ualri ficou vencido, porque o pajé lhe atirou em cima uma cuia de manufá ralada, que imediatamente lhe fez perder as forças.

199 E foi amarrado e arrastado para o meio da sala; e então ele perguntou aos seus inimigos:

200 «Por que me fazeis isto?»

201 «Não sabes por quê? Que fizeste dos meninos que foram apanhar uacu?»

202 «É por isso? Eles quiseram me fazer morrer, e eu me vinguei.»

203 «Se atentaram contra a tua vida, não foi por saber. Eram meninos inocentes e só conheciam duas coisas na vida: a doçura dos frutos que procuravam no mato para comer e a doçura do seio das suas mães, onde à noite adormeciam cansados das fadigas do dia.»

204 «Quiseste ignorá-lo; por isso morrerás, pagando com a vida a maldade do teu coração. Quando os uacurauas começarem a voar sobre as nossas cabeças, tu morrerás.»

205 «Já que devo morrer», disse Ualri, «ponham-me em cima de uma fogueira, com o peito voltado para o céu. E quando o meu corpo estiver ardendo, peço-te que venhas olhar o meu ventre, porque é daí que há de sair a minha pussanga; pega-a e dá-a a Diadue como recompensa da traição que me fez.»

206 E quando o Sol desaparecia e os uacurauas começavam a voar, levaram o condenado ao lugar do suplício.

207 E ao longo do caminho os seus ossos cantavam uma música nova, e o pajé disse ao tuxaua:

208 «É a música de Jurupari.»

209 E quando Ualri viu a fogueira em que devia morrer, exclamou: «Amarga Diadue! Eu não sabia que a tua beleza me havia de custar tão caro! Mas fica certa e grava bem isto na tua mente: amanhã serei vingado.»

210 O Sol tinha desaparecido e numerosos uacurauas voavam sobre a cabeça dos Nunuiba, e o pajé mandou atirar o condenado à fogueira.

211 Da boca de Ualri não saiu um gemido.

212 Quando o seu corpo começou a arder, o pajé aproximou-se para ver se saía dele a maracaimbara. Nesse momento ouviu-se um estrondo espantoso, que sacudiu a Terra, e do ventre de Ualri saiu e ergueu-se uma paxiúba (espécie de palmeira), que subiu até bater no céu.

213 Ao mesmo tempo um vento impetuoso varreu parte das cinzas de Ualri e depositou-as na floresta vizinha, e, quando tudo voltou à calma, dela partiram gritos e cantos, como de gente.

214 Os que assistiam fugiram assustados ao ver tantas coisas extraordinárias em tão pouco tempo.

215 O pajé foi o único que ficou perto da fogueira, fumando o seu tauari e perscrutando o futuro através da sua imaginação.

216 Na aldeia nunuiba ninguém dormiu naquela noite, esperando a volta do pajé; mas veio o dia e o pajé não apareceu.

217 Então o tuxaua Nunuiba resolveu ir procurá-lo com os seus guerreiros, e quando se aproximaram da palmeira colossal ouviram distintamente a voz do pajé, que dizia:

218 «Nem mais um passo, se não quereis experimentar as dores que eu sofro. Das cinzas deste myra uçarra (antropófago) não só nasceu uma nova espécie de gente, mas uma infinidade de animais venenosos, contra os quais a minha ciência quase nada vale; e essa gente nova atirou-me pedras a noite inteira. O meu tauari e o meu caraiuru não tiveram força para me fazer tocar sequer a sombra deles: estou vencido, eles são mais poderosos do que eu. Estes animais que estão sobre o meu corpo são terríveis».

219 Mas o tuxaua e os seus guerreiros não fizeram caso dos seus avisos e aproximaram-se dele.

220 A poucos passos da palmeira, cobras e insetos venenosos de todas as espécies lançaram-se contra Nunuiba e os seus guerreiros, que, por mais destros que fossem, não conseguiram fugir-lhes; todos foram mordidos e, mal

foram mordidos, contorceram-se no pó, uivando.

221 «Agora», disse o pajé, «sofrei o fruto da vossa teimosia, até que apareça alguma mulher que vos possa dar o remédio».

222 Todos os olhos se voltaram para a aldeia.

223 «Diadue vem para cá. Que ela vá ao igarapé e volte com água».

224 E, transmitida a ordem, Diadue foi ao igarapé e voltou com um curuatá cheio de água, e depositou-o aos pés do pajé.

225 «Agora», disse ele, «senta-te em cima e lava por dentro as tuas partes genitais, e depois dá-me a água para beber».

226 Assim fez Diadue, e quando o pajé bebeu, naquele mesmo instante caíram no chão todos os animais que o atormentavam, e cessaram todas as dores.

227 E passou a água aos companheiros, que logo ficaram livres, enquanto as tocandiras, as aranhas, as cobras e os outros bichinhos venenosos ficaram mortalmente envenenados com ela.

228 «Antes de deixar estes lugares, onde tiveram origem, além deste povo de gente invisível, sem lei nem coração, todos estes animais venenosos que antes não existiam, ouvi-me e sabereis.»

229 «Contra eles todos nós possuímos o contraveneno: o homem para a mulher, a mulher para o homem; mas ninguém se pode curar a si mesmo. O contato da parte ofendida com o sexo diferente ou, não sendo possível de outro modo, a água em que este foi lavado, é suficiente.»

230 «Estas ervas que vão nascendo em volta da paxiúba são todas terríveis maracaimbaras, se usadas para fazer o mal; pussangas, se para fazer o bem.»

231 «A raiz deste cipó é um veneno potentíssimo e, unida ao ferrão destes insetos, bastará pô-la em contato com o sangue para matar instantaneamente: é o uirari.»

232 «Mas também ele tem a sua pussanga: os excrementos humanos, os dos vermes da praia, o sal, a espuma das cachoeiras, dissolvidos na água e bebidos, curarão quem os beber.»

233 «Quanto, contudo, a esta gente nova, que de hoje em diante chamaremos Uancten-mascan (gente do jurupari, no dialeto tucano), serão daqui em diante inimigos de todos os filhos do Sol.»

234 «São seres fortes, superiores ao meu poder, e com toda a minha ciência de pajé não pude tocar sequer a sombra deles.»

235 «Agora que falei, voltemos à aldeia; mas cada um tome cuidado com a sua cabeça: os Uancten-mascan, embora invisíveis, hão de nos atirar tantas pedras que será impossível que alguém não saia ferido.»

236 E quando começaram a voltar para a aldeia, começaram a cair pedras de todos os lados, e poucos foram os que não ficaram feridos.

237 Diadue levou na testa uma grande pedrada, que a atirou ao chão desmaiada.

238 O pajé e o tuxaua levaram-na para casa.

239 Ruídos de gente invisível perturbaram a paz da aldeia durante toda aquela noite.

240 Diadue sarou com o tempo, mas a ferida mudou-lhe inteiramente a figura.

241 Aquele rosto, que tinha sido o espelho da beleza nunuiba, era horrendo.

242 E poucas luas depois, indo banhar-se onde a água remansa ao pé da cachoeira, Diadue ficou apavorada com a própria feiura, que viu refletida nas águas, e, desesperada, atirou-se nos redemoinhos da cachoeira, onde desapareceu para sempre.

243 Jurupari teve notícia do triste fim de Ualri. Uma borboleta negra pousou-lhe na mão e deixou nela uma gota quente de sangue; ele sentiu então faltar-lhe a coragem.

244 Vivia na tristeza naquele lugar onde um triste dever de justiça o tinha levado a punir a própria mãe.

245 Que tinha acontecido nas margens do Aiary?

246 Estava em sua mão sabê-lo, bastava recorrer ao seu matiry; mas apoderou-se dele um desânimo profundo, que o reduzia quase ao estado de louco.

247 Ruídos sinistros ressoavam pela montanha, acompanhados de gemidos dolorosos.

248 Quando dormia, apareciam-lhe as suas vítimas, zombando da sua acangatara (insígnia de penas dos chefes, com que enfeitam a cabeça), e muitas vezes chegavam até a cuspir-lhe no rosto; e ele tudo suportava com resignação. Sua mãe estava sempre à frente das zombadoras.

249 As mulheres Tenuiana, entretanto, não deixavam de conspirar contra ele e trabalhavam dia e noite para levantar os filhos contra Jurupari. Mas estes, mais prudentes do que elas, recusavam-se a obedecer, mostrando, para se desculpar, as figuras das mulheres já transformadas em pedras, onde estava esculpida a história da sua imprudência.

250 E diante de tantos contratempos Jurupari sentia-se cada dia mais desanimado, e, quase louco, dirigiu-se um dia ao lugar onde estavam as suas vítimas, atirou-se gemendo aos pés da sua desventurada mãe e desmaiou.

251 Quando voltou a si, o Sol, já alto, brilhava no rosto de sua mãe; e então ele se lembrou de que tinha uma missão e devia cumpri-la.

252 Abraçou aquela fria mulher de pedra, fez uma promessa que as suas lágrimas confirmaram e desceu à aldeia.

253 No dia seguinte, quando o Sol chegou ao meio-dia, o tauté (espécie de tambor enorme) soou, chamando os homens para uma reunião.

254 E os homens se reuniram, e quando estavam todos, Jurupari disse: «Quando Iacy-tatá (Vênus, em nheengatu) estiver alta como uma mão juntada, quero que todos vos encontreis no lugar da nossa primeira reunião; mas deveis sair de casa sem serdes sequer ouvidos pelas mulheres.»

255 «Antes, contudo, à noite, deveis banhar-vos no lago e esfregar o corpo com folhas de jenipapo (arbusto usado como antiafrodisíaco), e, voltando para casa, cada um deve pôr na boca um punhado de uosca (milho, em cubeo), tendo o cuidado de guardá-lo até chegar à minha presença. Quem não fizer conforme as minhas palavras ficará mudo.»

256 «E se agora as mulheres vos perguntarem: “Por que fostes chamados?”, respondei que vos chamei para vos mostrar um grande uçá (caranguejo) que apanhei no lago.»

257 E os Tenuiana notaram que Jurupari estava triste e que os seus olhos mostravam que tinha chorado; e Jurupari, por sua vez, percebeu que entre a sua gente havia alguém tão apaixonado pela sua mulher que talvez não soubesse guardar o segredo; e, para tirar toda ocasião, ordenou o banho de jenipapo e o milho na boca.

258 Logo que os homens chegaram às suas casas, as mulheres lhes disseram: «Por que fostes chamados?»

259 «Para ver um grande uçá que o tuxaua apanhou no lago.»

260 «Então já é tempo de os uçás virem para a terra?»

261 «Certamente; se saiu um, é provável que saiam muitos.»

262 «Se é assim», disseram as mulheres, «iremos esta noite esperar os uçás na margem do lago.»

263 E Jurupari, mal chegou a noite, quis saber o que acontecera à sua gente no Aiary, e tirou do matiry uma pedrinha colorida e ordenou-lhe que lhe mostrasse o que tinha acontecido aos seus.

264 Gostou da Jurupari-oca, admirou a beleza das Nunuiba, riu-se dos velhos; mas, quando chegou a Ualri e à sua vingança, atirou a pedra contra a árvore que sustentava no centro o teto da casa.

265 A pedra desfez-se em pó, e este converteu-se em vaga-lumes, que vieram sujar a escuridão da noite.

266 Quando Iacy-tatá estava na altura indicada, os Tenuiana saíram das suas casas, e as mulheres, que estavam esperando os uçás na margem do lago, nem sequer o suspeitaram; eles se encaminharam para a montanha, e quando chegaram lá Jurupari já estava sentado no centro de uma larga esteira de uaruman (espécie de palmeira), na qual mandou que todos tomassem lugar para melhor o ouvirem.

267 «Ontem à noite fiz uma promessa que tenho de cumprir, e vós todos comigo, que tendes as vossas mães perto da minha.»

268 «Fui obrigado a dar uma prova do meu poder, para que também os que não sabem obedecer o respeitassem, e estas pedras o demonstram.»

269 «Mas não foi suficiente ainda: e aquelas mulheres que agora estão na margem do lago pensam que, tendo-me eleito tuxaua, deviam ter-me escravo da sua vontade; mas todos os que me ouvem sabem que eu vim para reformar os usos e os costumes dos habitantes de todas as terras.»

270 «Quando estivermos nas margens do Aiary, eu vos direi o que devemos fazer; mas, em verdade, quem não cumprir as minhas ordens será punido de modo terrível.»

271 Calou-se. A gente, que não movia uma pálpebra enquanto ele falava, esperava que continuasse; mas da sua boca não saiu mais uma palavra.

272 Olhava, distraído, para Iacy-tatá, como se estivesse conversando com ela.

273 Os Tenuiana, quando viram que já não havia motivo para ficarem atentos, foram estender-se na esteira, até que a mãe do sono veio separá-los do próprio espírito.

274 Quando acordaram ao sopro do vento que murmurava entre as folhas da floresta, acharam-se ainda na esteira onde tinham adormecido, mas já nas margens do Aiary, em cima da Jurupari-oca.

275 «Sabei que estamos nas margens do Aiary», disse Jurupari, «e antes de deixar este lugar, onde de hoje em diante faremos as nossas reuniões, vos ensinarei o que se deve fazer, pois não quero punir mais ninguém.»

276 «Os homens devem ter o coração forte para resistir às seduções das mulheres, que muitas vezes procuram enganar-nos com carícias, como aconteceu com os velhos que mandei para cá.»

277 «Se as mulheres da nossa terra são impacientes, curiosas e faladeiras, estas são piores e mais perigosas, porque conhecem parte do nosso segredo.»

278 «Poucos lhes resistem, porque as suas palavras têm a doçura do mel das abelhas, os seus olhos têm a atração da serpente, e todo o seu ser tem seduções irresistíveis, que começam por agradar e acabam por vencer.»

279 «Estas minhas palavras não são para vos fazer fugir do contato das mulheres, mas só para que possais resistir-lhes e elas não se apoderem do nosso segredo, que só os homens podem conhecer.»

280 «Ualri, embora velho e curvado pela maturidade dos seus anos, com os sentidos já frios, deixou-se seduzir por elas, revelou parte dos nossos segredos, mas pagou com a vida a traição.»

281 «Quem se julgar bastante firme de mente e forte de coração pode enfrentá-las.»

282 «E agora entremos em casa; mas, quando a noite chegar ao meio do céu, deveis todos estar aqui outra vez.»

283 Quando entraram na Jurupari-oca, encontraram os quatro velhos à beira de morrer de fome.

284 Desde o dia seguinte à morte de Ualri, tinham-se recolhido ali dentro, dispostos a deixar-se morrer de fome, porque não achavam desculpa com que explicar a ausência do companheiro.

285 Mal Jurupari os viu, conheceu logo o pensamento deles e disse:

286 «Credes então que a morte possa fazer desaparecer a leviandade que cometestes?»

287 «Não é grande vergonha para um jovem ser vencido por uma mulher; mas, quando os cabelos já dizem que a juventude vai longe, é uma leviandade digna de castigo.»

288 «E agora alguns de vós vão ao mato e me tragam folhas de yuacaua (Oenocarpus bacaba), para que possamos pescar sem demora; é preciso salvar estes velhos insensatos.»

289 E vieram as folhas de yuacaua; e ele as trançou e, tirando do seu matiry um pedaço de resina de cunauaru (batráquio que faz o ninho, dizem, com resina de plantas aromáticas), esfregou com ela a rede nova e ordenou que fossem pescar com ela no rio.

290 Quando os pescadores puxavam a rede para a terra, entrava pela porta, saltando fora da água, uma tal quantidade de iuhy (pequena rã), que a sala principal logo ficou cheia.

291 «Preparai de comer para os velhos; depois cada um cuide de si.»

292 Chegou a hora da reunião, e os Tenuiana se acharam em cima da casa de Jurupari.

293 «Antes de continuar a dizer-vos as leis que devem regular os usos e os costumes da gente desta terra», começou Jurupari, «quero primeiro contar-vos uma história que nos diz respeito:

294 — No princípio do mundo, o Senhor de todas as coisas apareceu na Terra e deixou nela um povo tão feliz que passava a vida só a dançar, comer e dormir.

295 Naquele tempo os usos dos habitantes da Terra não permitiam que ninguém dançasse com outra mulher que não fosse a sua, sob pena de ter de se matar com as próprias mãos ou de ser queimado vivo.

296 Logo que alguém nascia, os pais lhe arranjavam o companheiro, para evitar que mais tarde ficassem sós.

297 Ora, aconteceu que as mulheres nasciam em maior número, de modo que ultrapassaram o número dos homens, e o tuxaua mandou construir um lugar onde se recolhessem as solteiras, esperando que se lhes pudesse dar um esposo.

298 E num lugar separado também estavam recolhidos os viúvos, e ali esperavam a morte, pois se considerava que, com a perda do companheiro, a sua missão estava terminada.

299 Uma formosa moça, já cansada de esperar que o tempo lhe desse um esposo, resolveu fugir e procurar a morte na tristeza da floresta, único remédio que o seu infortúnio lhe sugeria, pois não sabia que existisse outro povo onde pudesse refugiar-se.

300 Antes da alvorada saiu da aldeia, seguindo o caminho do Sol e prometendo a si mesma não voltar mais.

301 Andou o dia inteiro e, à tarde, abrigou-se na sapopema (raiz achatada) de uma árvore e ali dormiu.

302 Quando a noite já tinha passado da metade, acordou e ouviu distintamente risos e conversas de gente.

303 A princípio pensou que aquilo fosse efeito de sonho e levou as mãos aos olhos; mas sentiu que estava acordada, e então se convenceu de que era gente e de que estava perto de alguma maloca.

304 Ouviu perfeitamente a voz fresca de um rapaz que dizia:

305 «Ontem, quando eu estava pescando com timbó no igarapé Dianumion, vi passar perto de mim uma moça que me pareceu muito triste; pelo menos assim mostravam os seus olhos, que estavam cheios de lágrimas.»

306 «Eu quis falar-lhe, mas estava tão triste que não me atrevi; deixei-a passar e não a importunei, respeitando com o meu silêncio a sua dor.»

307 «Era bonita como um coaracy-uirá (pássaro do Sol); e veio nesta direção.»

308 «Fizeste mal», disseram outras vozes; «logo que o Sol aparecer, iremos procurá-la, porque ela é certamente da tribo dos Bianacas; talvez tenha perdido o caminho e agora ande errante sem saber como reencontrá-lo.»

309 «Se a encontrarmos, vamos propor-lhe que seja esposa do filho do nosso tuxaua; e, se ela recusar, nós a levaremos de volta aos seus.»

310 Ela ouviu esta conversa e teve a tentação de se atirar nos braços dos seus salvadores.

311 Quando o Sol começou a tingir de vermelho as raízes do céu, os rapazes saíram à procura das pegadas da moça e, seguindo-as, deram com a sapopema onde ela se tinha abrigado.

312 Quando ela sentiu aproximar-se o rumor dos seus caçadores, fingiu dormir; e eles se aproximaram dela, e o rapaz, filho do tuxaua, a quem fora prometida a sua mão, ficou deveras encantado diante de moça tão bonita.

313 Sentou-se junto da adormecida e, chegando a boca ao ouvido dela, murmurou:

314 «Bela moça, que fazes tão longe da tua terra?»

315 E ela fingiu então acordar e, olhando assustada em volta, deu um grito e começou a derramar lágrimas sem fim, que apagaram o fogo dos seus olhos.

316 «Bela moça, que fazes tão longe da tua terra?»

317 «Procuro a morte.»

318 «És então tão infeliz que procuras a morte? Quando se têm olhos que brilham como o sol, cabelos negros que reluzem como as estrelas do céu, lábios suaves como a pele do eshauin (pequeno desdentado de pelo finíssimo), seios intactos que perfumam como as flores do umiry, quem se parece com a yudcaua como pode ser infeliz?»

319 «E, no entanto, nem sempre a juventude», disse a moça, «traz consigo a felicidade; eu sou uma dessas infelizes a cujas penas só a morte pode dar remédio.»

320 «Se está nas minhas mãos pôr fim à tua dor, dize-mo; porque, se for preciso ir até onde acaba o mundo para buscar o teu descanso, eu e estes meus companheiros iremos até onde acaba o mundo, contanto que te pou-

pemos o pranto que derramas e que já sinto queimar-me o coração. Casemo-nos, que seremos felizes; mas, se quiseres voltar para os teus, eu te levarei de volta, embora, em verdade, o meu coração fique contigo.»

321 «Belo moço, já que te condóis da minha desgraça, eu seria uma moça sem coração se recusasse o que ofereces; desde este momento sou tua, podes levar-me contigo, que desde este momento serei tua companheira até que a morte nos separe. Uma coisa, contudo, te peço: nunca me perguntes que motivos me trouxeram aqui.»

322 «Prometo-te nunca perguntar que motivos te trouxeram aqui, porque não és a única que tem de sofrer o veneno de novas feridas. Levanta-te e vamos à minha maloca, onde encontrarás homens de quem já és senhora.»

323 E quando passavam as nascentes do Dianumion, o rapaz fez a moça parar e pediu-lhe que pisasse as folhas de uma erva que lhe ofereceu, que com elas esfregasse o corpo todo e mergulhasse na nascente.

324 E ela fez o que ele disse, e quando saiu do banho estava transformada em jacamim (agami), como o eram todos os seus companheiros.

325 A moça tinha passado a fazer parte da tribo dos Jacamy.

326 Algumas luas depois, Dinari (era este o nome da donzela) sentiu nas entranhas que estava perto de ser mãe, e disse-o ao marido.

327 Puseram-se logo a fazer um ninho para nele pôr os ovos, e Dinari estava contente, porque já imaginava ver em volta de si os seus filhotes cobertos de penugem.

328 Passou uma lua, veio a segunda, entrou a terceira, e Dinari já não se podia ter em pé; e então ambos perceberam que a pussanga não a tinha transformado inteiramente e que, por mais que ela estivesse mudada em ave, o que tinha no ventre eram seres humanos.

329 Ela pediu então ao marido que lhe restituísse a sua primeira forma, para assim escapar a uma morte certa e salvar os filhos, que já davam sinal de vida.

330 E o marido levou-a até o Dianumion e, feita a mesma pussanga, deu-lha a beber e fê-la voltar a ser como era antes.

331 Quando Dinari completou dez luas, deu à luz um menino e uma menina.

332 E a menina tinha na testa um punhado de estrelas, e o menino, da testa até os pés, uma serpente de outras tantas estrelas.

333 As duas crianças nada tinham da raça do pai; pareciam-se com a da mãe, tendo a mais as estrelas com que nasceram.

334 Quando chegaram à idade da meninice, um dia o menino perguntou à mãe por que queria tantos ilapáy (jacamins, em uynamby), que não servem para outra coisa senão incomodar quem dorme à noite.

335 «Antes de vós nascerdes, eu não tinha com quem passar o tempo e pus-me a criar estes pássaros; e agora eu os amo como amo a ti e à tua irmã, e te peço que nunca lhes faças mal; são bons companheiros, e eu morreria de dor se um dia me fugissem. Amanhã devo ir para muito longe daqui, buscar o nosso sustento, e, para que não fiqueis sozinhos, uma parte deles há de ficar para fazer companhia a ti e à tua irmã.»

336 O menino não perguntou mais nada; pôs-se a fazer dois arcos e flechas, quantas mais pôde, para experimentá-las contra os jacamins na ausência da mãe.

337 As crianças, desde o dia em que tinham nascido, dormiam sozinhas, fechadas num quarto onde ninguém jamais tinha entrado de noite.

338 Naquela noite Dinari tinha o coração inquieto; andava pela casa a esmo, até que lhe veio um desejo irresistível de ver os filhos, e entrou no quarto onde eles dormiam.

339 Eles dormiam, e as estrelas que tinham no corpo brilhavam como as estrelas do céu; e quando Dinari viu isso recuou assustada.

340 Tomada de um terror que não compreendia, chamou o marido para que visse como aquelas estrelas brilhavam.

341 E o marido veio, e entraram juntos onde as crianças dormiam.

342 Ele ficou muito tempo olhando sem dizer uma palavra, saiu e interrogou Dinari:

343 «Que querem dizer estas estrelas nos nossos filhos?»

344 «Não sei.»

345 «Não os terás tido com outro, estes filhos?»

346 «E quando eu podia ser-te infiel, se nunca nos separamos? Na verdade, parece-me que queres lançar sobre mim o que deves atribuir apenas à mãe das coisas.»

347 «Se os teus filhos fossem meus, terias primeiro posto os ovos, de onde depois sairiam os meus verdadeiros filhos, que se pareceriam comigo. Mas tudo saiu ao contrário; e agora, para que eu duvide ainda mais, têm estrelas que brilham como as do céu. Não te direi mais nada; só te proponho que abandones estas crianças e fujas comigo.»

348 «Eu, abandonar os meus filhos? Nunca!»

349 «Recusas? Podes ficar: amanhã não me encontrarás mais entre os meus, e, sem que tu me vejas, hei de descobrir o que me ocultas.»

350 E, dito isto, desapareceu no meio da sombra da noite.

351 Quando veio o dia, não se ouviu cantar nem um jacamim; apenas o urutau, pelas beiras do caminho, soltava as suas risadas estridentes.

352 Entretanto o tuxaua dos Jacamy, com os seus, dirigia-se às margens do Dianumion, onde fizeram uma grande fogueira, atirando nela uma porção de frutos de piquiá.

353 E todos se puseram em roda, e quando estavam todos nos seus lugares, o mais velho perguntou:

354 «Por que o nosso tuxaua nos chamou?»

355 «Aqui estou pronto a dizê-lo: penso que minha mulher me traiu.»

356 «E por que crês nisso?»

357 «Ela não pôs ovos como as fêmeas da nossa tribo, e os seus filhos têm no corpo uma porção de estrelas, que brilham como as estrelas do céu. Será isto indício de infidelidade?»

358 «Não vês que na tua união com uma raça superior à nossa a mãe das coisas devia escolher, para ser fecundada, a melhor semente?»

359 «Mas... e as estrelas?»

360 «Dize-me a verdade. Nunca te uniste a Dinari depois de lhe teres devolvido a sua forma primitiva?»

361 «Muitas vezes.»

362 «Que posição tomava então tua mulher?»

363 «Com o rosto voltado para o céu.»

364 «Agora tudo se sabe. Ela sentia mais prazer na sua forma primitiva do que na nossa, e foi numa dessas ocasiões que concebeu, tendo diante dos olhos as estrelas do céu, que deixaram a sua imagem nas duas crianças como lembrança de um momento cheio de doçura. E é por isso que a acusas e talvez já a quisesses abandonar? Volta para a tua casa, mostra-te amoroso com os teus filhos e com a tua mulher, que nisso consiste a felicidade dos esposos; e não acuses mais tua mulher sem teres visto com os teus olhos.»

365 «As tuas razões são verdadeiras e eu voltarei para casa; mas agora quero que, para fazer uma surpresa, pintemos o dorso com a cinza do piquiá, para que não nos reconheçam logo que nos virem.»

366 «Sabes que estamos sempre prontos a acompanhar-te em todos os teus caprichos, mas nós te pedimos que hoje mesmo voltes para a tua casa.»

367 Quando o dia apareceu, Dinari partiu para buscar comida, e os seus filhos viram-na sumir nas voltas do caminho de costume.

368 «Irmã, vamos experimentar as nossas flechas nos jacamins.»

369 «Vamos.»

370 E fizeram um buraco na parede e por ele começaram a flechar os jacamins com tanta certeza que nenhuma flecha errou o alvo.

371 E quando caiu o último dos que tinham ficado no lugar, saíram de casa para ver o que tinham feito e levaram para a floresta vizinha os restos dos pobres jacamins, que tanto os incomodavam de noite com o seu canto.

372 Terminada esta façanha, estavam para se recolher em casa quando ouviram o rumor dos outros que chegavam, e logo foram pôr-se outra vez de tocaia.

373 Viram que eles tinham o dorso acinzentado e que não eram iguais aos que tinham matado; mas, apesar disso, começaram a fazer pontaria neles com tanta precisão que poucos momentos depois o último deles caía morto.

374 Da matança só escaparam algumas fêmeas que estavam chocando.

375 Assim o tuxaua dos Jacamy morria morto pelos próprios filhos.

376 Se Dinari não tivesse tido vergonha de revelar aos filhos a sua própria origem, nunca teria acontecido esta grande matança, de que ainda hoje a gente se lembra; mas eles ignoravam que laços existiam entre a sua mãe e os desventurados jacamins.

377 Quando Dinari voltou e deu com sangue por toda parte, pensou que o marido tinha matado os seus filhos, e correu para dentro de casa e encontrou-os brincando tranquilamente, e perguntou:

378 «Que aconteceu hoje aqui, que vejo sangue por todos os lados?»

379 «Muitas coisas, mamãe: um bando de jacamins de dorso esbranquiçado veio aqui para fazer mal a mim e à minha irmã, e nós, com as nossas flechas, os matamos todos.»

380 «Onde estão os corpos dos jacamins?»

381 «Amontoamo-los ao pé do ucuquy, no caminho.»

382 Dinari correu imediatamente para onde crescia o ucuquy e ficou apavorada diante da quantidade de mortos feitos pelas duas crianças; e no meio deles reconheceu o próprio marido e, quase louca, atirou-se sobre o seu corpo, dizendo:

383 «Ai! Duramente demais foi punida a tua imprudência! Mudaste a cor do teu dorso, para que os teus filhos te matassem.»

384 «Eu daria todo o meu coração para não te ver morto; quisera poder apresentar-te aos meus filhos e dizer-lhes o laço que nos unia! Agora tudo acabou.»

385 E ela não quis mais ficar naquela terra, onde fora tão feliz e onde agora era tão desgraçada.

386 Quando o urumutum (espécie de mutum) anunciava a alvorada, Dinari e os seus filhos partiram, caminhando para o oriente.

387 Andaram o dia inteiro, e já quando o dia entristece chegaram ao cume de uma montanha de onde se avistava a maloca dos Bianacas; e Dinari reconheceu a sua antiga morada, sentou-se sobre uma pedra, chamou os filhos para perto de si e, abraçando-os, começou a chorar.

388 As crianças viam a mãe chorar copiosamente e não sabiam por quê, e o menino perguntou:

389 «Mamãe, por que choras? Tens sede, tens fome? Dize-me o que tenho de fazer para que não chores. Ainda que eu tivesse de virar esta montanha com as raízes para o céu, eu o farei.»

390 «Não tenho fome nem sede; só estou lamentando que amanhã teremos de viver sob os costumes rigorosos daquela gente, e por isso teremos forçosamente de nos separar. Eu irei para a casa dos inúteis, tu para a dos solteiros e tua irmã para a das moças solteiras, de onde nenhum de vós deve esperar sair enquanto não encontrar um esposo, e eu, enquanto não vier a morte.»

391 «E quem há de consentir em tal separação? Eu certamente não. Em verdade te disse que, se fosse preciso virar esta montanha com as raízes voltadas para o céu, eu o farei, porque posso; e para que não duvides das minhas palavras, que os teus olhos vejam.»

392 E o filho de Dinari pegou num rochedo da altura de três homens em pé e arremessou-o sobre a aldeia, e a pedra foi cair quase em cima da casa das moças solteiras, com tal estrondo que a Terra tremeu toda.

393 E os habitantes da maloca saíram das suas casas e procuraram a causa de tamanho estrondo.

394 Ninguém conseguia entender o que tinha sido, quando viram no alto da montanha dois grupos de estrelas brilhantes, que caminhavam na direção deles.

395 O tuxaua foi o primeiro a ver aquela novidade e disse:

396 «Quereis ver que foram aquelas estrelas que caíram do céu? Na verdade, só uma coisa assim podia fazer tremer a Terra e produzir, ao cair, um estrondo tão espantoso. Vamos apanhá-las, pois a ocasião é boa para termos para nós a beleza das mulheres. (As manchas hepáticas, que são consideradas uma beleza e que se julgam gotas de sangue das estrelas caídas na terra.) Se elas não têm más intenções contra os filhos da Terra, podemos esperar obter remédios com que as nossas mulheres hão de ficar muito contentes! Mas, ou os olhos me enganam, ou elas vêm na nossa direção! Na verdade, movem-se para este lado.

396.2 Quem sabe se não vêm da parte do Sol trazer-nos ordens de Uàn-Masquîn? Logo o saberemos; mas, em todo caso, armemo-nos, porque bem podiam ter vindo do céu só para nos combater.»

397 «Quem ousaria», gritou o tuxaua, «vir atacar os Bianacas, sabendo que nós seremos sempre os vencedores?»

398 Quando Dinari chegou perto da sua antiga morada, sentou-se justamente em cima daquela grande pedra que o filho pouco antes arremessara e da qual só aflorava uma pequena parte, da altura de apenas duas mãos.

399 Os Bianacas correram logo para os recém-chegados, formando em volta deles um grande círculo. Ninguém reconheceu Dinari.

400 «Filhos do céu», disse o tuxaua, «que quereis de mim?»

401 «Um abrigo para mim, para minha mãe e minha irmã, para vivermos em paz na tua Terra.»

402 Todos ficavam admirados diante daquele menino, de aspecto tão diferente do deles e que falava com tanta franqueza.

403 As suas estrelas brilhavam tanto que faziam tremer a vista dos que as fitavam, e muitos tinham a mão diante dos olhos para não ficarem ofuscados.

404 «Já que pedes apenas um abrigo para ti e para a tua família», disse o tuxaua, «já o tens: podes por hoje acomodar-te nesta casa, e amanhã porei todas as coisas no seu lugar.»

405 «Bem», disse o menino, «as tuas palavras me agradam. Eu e minha família, nascidos e criados na terra dos Ilapay, temos usos e costumes diferentes dos teus; e como tu gostas de tudo no seu lugar, sei que eu e os meus viveremos juntos segundo os nossos usos e costumes.»

406 «E para te mostrar que penso como tu, vou pôr outra vez no mesmo lugar esta pedra que atirei aqui para te avisar da minha chegada.»

407 E, pegando na pedra com uma das mãos, arrancou-a do seio da terra e atirou-a sobre a montanha, onde ela foi cair renovando o estrondo que tinham ouvido pouco antes.

408 Os presentes viram então como era grande a pedra e ficaram tão apavorados que a maior parte sentiu as pernas dobrarem-se.

409 Um menino que mal tinha três pés de altura atirar à distância, por assim dizer, de dois gritos (quase um quilômetro) um rochedo como aquele, que todos eles juntos seriam incapazes de mover, era coisa nunca vista desde que o mundo nasceu.

410 Dinari e os seus filhos entraram na casa, e os Bianacas retiraram-se assustados.

411 Na casa havia tudo o que era necessário.

412 «Mamãe, sabes, amanhã de manhã irei à casa do tuxaua, e ele há de me perguntar como me chamo; tu ainda não me deste um nome, e eu já o escolhi: eu me chamo Pinon (serpente, em tucano), e minha irmã, Meenspuin (fogo das estrelas, em tariana e cubeo).»

413 Os habitantes, depois de se terem retirado dali, reuniram-se na casa do tuxaua para saber o que ele pensava daquela gente, filha do céu.

414 Uns diziam que era bom permitir que ficassem entre eles, porque de outro modo aquele menino poderia zangar-se e destruir aquela maloca, atirando sobre todas as casas rochedos como aquele que ele tornara a atirar sobre a montanha.

415 Outros, que era preciso tratá-los bem para não provocar a ira do menino, porque, se assim não fosse, eles poderiam sentir os efeitos do mal que lhes causassem.

416 As mulheres esperavam que aquele menino pudesse fazer alguma coisa em seu benefício e deram também o seu parecer. Para elas, aquele menino que tinha metido tanto medo a todos devia ter bom coração e nunca lhes faria mal. Que ninguém o inquietasse, porque não há ninguém no mundo que, ofendido, não procure vingar-se. E elas não tinham medo nenhum daquele menino, que talvez ainda mamasse.

417 «E eu também penso assim», disse o tuxaua.

418 «Eu acolho qualquer um que queira viver à minha sombra, e seria feio que eu expulsasse quem quer viver na minha maloca.»

419 «Quanto aos temores que tendes, é coisa fácil evitar que ele nos faça mal: que ninguém o ofenda, e viveremos sempre como bons amigos.»

420 O sol já estava à altura da junta de um dedo quando Pinon foi à casa do tuxaua, que veio recebê-lo em pessoa.

421 «Como passaste a noite na tua casa?»

422 «Perfeitamente; só pensei, e penso, por que julgaste necessário tirar os moradores da casa que me deste, o que faz que eu e a minha família não possamos travar amizade com a tua gente. Por isso venho pedir-te, se mereço alguma coisa de ti, que lhe restituas os seus antigos moradores, para que possamos travar amizade com eles. Crê, somos boa gente, e encontrarás em nós pessoas que saberão obedecer às tuas ordens, como verdadeiros filhos da terra dos Jacamy.»

423 E as palavras de Pinon fizeram tanto efeito que o tuxaua atendeu logo ao seu pedido e mandou 17 moças solteiras fazer companhia a Dinari e aos seus filhos.

424 Pinon, que tinha conseguido sem esforço realizar um dos seus planos, esfregou as mãos de contente.

425 E, depois daquela primeira visita ao tuxaua, foi considerado gente muito boa, e tudo o que lhe saía da boca era executado sem hesitação.

426 E a lei da terra foi pouco a pouco perdendo o seu rigor, e já se tolerava que os viúvos se casassem quantas vezes pudessem.

427 E uma parte do dia já era consagrada ao trabalho; até que os antigos costumes daquela terra mudaram de feição.

428 Pinon e Meenspuin cresciam a olhos vistos: em 18 meses alcançaram todo o seu desenvolvimento.

429 Pinon, que já era um belo rapaz, mas que ninguém julgava capaz de ofender o pudor das moças solteiras que moravam na sua mesma casa, infringiu as leis dos Bianacas, unindo-se não só às virgens que estavam sob a sua guarda, mas também a todas as viúvas, sem que lhe escapasse nenhuma; e todas ficaram fecundadas.

430 O tuxaua soube da infração que Pinon tinha cometido e a princípio ofendeu-se muitíssimo, mas depois acalmou-se, pensando:

431 «Na verdade, quando os filhos de Pinon forem homens, toda a gente dos Ilapy não será capaz de vencê-los, e os Bianacas serão os primeiros em valentia.»

432 Se a condescendência do tuxaua foi natural ou não, não se sabe; o certo é que Pinon dali em diante teve imitadores.

433 Meenspuin, chegando à idade da puberdade, começou a sentir desejos que não compreendia, e ficava tão incomodada com eles que disse à mãe:

434 «Mamãe, sofro de um mal tal que me dá um desejo que não sei explicar.»

435 «Que é que sentes?»

436 «Quando o meu mal começa, é uma comichão, um mal-estar que me dá e não me dá dor, e essa dor que não dói corre-me depois pelo corpo todo, com uma vontade de me morder toda; por fim sinto-me desfalecer e choro. Quando durmo, vejo sempre perto da minha rede rapazes bonitos: ora querem beijar-me, ora querem abraçar-me, e eu não sei fugir.»

437 «Conheço o mal que tens, e hoje mesmo te darei um remédio para acalmar as tuas dores.»

438 Chegou Pinon, e sua mãe pediu-lhe que fosse ao mato buscar raízes de brany (muirapuama, em nheengatu) para fazer um remédio para a irmã.

439 «Qual é a doença dela?»

440 «Ela precisa de um marido, e, como não há, quero tratá-la com brany, que tem a propriedade de diminuir tais desejos.»

441 «Se mamãe me confiasse o tratamento de Meenspuin, eu iria dar com ela um passeio pela margem do rio, até que o seu mal passasse.»

442 «Sempre ouvi o meu filho como se fosse um homem maduro nas coisas do mundo; faze, pois, o que julgares em proveito da tua irmã.»

443 «Já que me dás plena liberdade de fazer o que eu julgar bem, partirei amanhã. Tu ficarás aqui esperando a minha volta; mas não te aflijas, porque talvez não seja tão cedo: será quando minha irmã estiver curada.»

444 Ao raiar do dia seguinte, Pinon e Meenspuin partiram, seguindo pela margem do rio o curso da água.

445 Dinari, que era a imagem da tristeza desde que lhe morrera o marido, depois que os filhos partiram tornou-se ainda mais triste: chorava quase atordoada, sem achar coisa que a consolasse.

446 As amantes de Pinon, para distraí-la, contavam-lhe histórias bonitas, que ela não escutava.

447 Fugia da presença de todos, e um dia fugiu da maloca, sem que ninguém soubesse que direção tinha tomado.

448 As mulheres Bianacas saíram a procurá-la, mas inutilmente; não conseguiram encontrá-la.

449 Dinari tinha partido à procura dos filhos, e quando veio a tarde subiu a um grande rochedo, onde o Sol a deixou.

450 Quando o Sol voltou, ela já não estava lá: a mãe dos peixes a tinha levado para as profundezas do rio, e ninguém o sabia.

451 Pinon, para garantir a virgindade da irmã, levou-a até a Serra das Pedras Brancas, e ali, para chegar às portas do céu, fez um gancho, e por ele subiram até a terra das estrelas; e lá deixou Meenspuin, a quem outros chamam Seucy.

452 Esta é a primeira história das loucuras humanas desde que o mundo começou.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 2

✦

1 Agora vos direi como se povoou a Terra; e esta história está mais perto de nós e nos pertence.

2 Pinon, de volta à maloca, de onde estivera ausente mais de uma lua, não encontrou mais a mãe, e não havia quem lhe pudesse dizer para onde tinha ido.

3 Percorreu todos os montes e vales dos arredores; foi à terra dos Ilapay, sem encontrar ninguém que lhe desse notícia de ter passado gente por ali.

4 E passou uma lua inteira procurando, sem nada encontrar.

5 Enquanto andava procurando, nasceram os seus filhos, entre os quais uma linda menina que tinha na testa uma formosa estrela.

6 Todas as buscas de Pinon foram vãs; foi então à casa do tuxaua e falou:

7 «Tuxaua, é do teu bom coração que depende o resultado do que vou tentar. Hoje faz uma lua que ando procurando minha mãe: desapareceu há muito tempo da tua aldeia, e, como senhor desta terra, tens nisso a tua parte de responsabilidade. Mas eu não te acuso; quero apenas que me ajudes a procurá-la, dando-me para isso uma parte da tua gente; e faze com que amanhã, sem falta, estejam aqui, que eu lhes indicarei a direção que devem seguir».

8 E o tuxaua respondeu: «Amanhã ao amanhecer terás a gente de que precisas e farás o que quiseres; mas crê na minha palavra de tuxaua que não sei onde se encontra tua mãe».

9 E Pinon disse: «Tu e os teus sois inocentes, eu sei; mas tu, que és o senhor desta terra, tens nisso a tua parte de responsabilidade».

10 Naquela noite Pinon fecundou mais uma vez todas as suas mulheres, que tinham aumentado com algumas moças solteiras; e quando as primeiras alegrias do dia iam aparecendo pelas raízes do céu, Pinon estava diante do tuxaua e desenhava no chão uma figura assim [um círculo no qual estão traçados quatro diâmetros, inclinados entre si sucessivamente num ângulo de 45°] e dava a sua explicação.

11 «Nós estamos no meio da Terra, como nos ensina o sol, que, quando está no meio do céu, nos esconde a sombra no corpo. Em cada direção destas linhas deve seguir a conta de uma mão de casados (5 casais), que só voltarão quando tiverem encontrado minha mãe ou tiverem dado com as raízes do céu. Eu tomo para mim todos estes espaços sem linhas, que percorrerei até vos encontrar a todos para voltarmos juntos. Mas, em verdade, sabei que quem voltar sem que estas coisas se tenham cumprido, eu o despedaçarei contra as pedras da montanha».

12 Naquele dia, cada um, cheio de tristeza, seguiu o caminho que lhe fora indicado, e Pinon, levando também nos braços a sua linda filha, seguiu por um dos espaços que tinha deixado em branco, reservando-o para si, abandonando assim as suas mulheres, que choravam; muitas correram atrás dele e quiseram demovê-lo da sua resolução, mas não conseguiram. O seu amor de filho era maior do que o seu amor por elas.

13 Passou um ano, dois, dez, muitos, sem que houvesse notícias nem daquela gente que tinha partido, nem de Pinon.

14 E nesse tempo o tuxaua dos Bianacas morreu, deixando em seu lugar um filho de Pinon chamado Diatanomion (pato-mudo, em tucano).

15 Esse novo chefe resolveu mandar mais gente em busca da primeira; mas nunca mais teve notícias deles, o que o fez perder a coragem; contudo Pinon era o amor das mulheres, e organizaram-se novas expedições, compostas só de mulheres, de que tomaram parte todas as moças solteiras da terra.

16 Partiram com a primeira luz do dia, mas não foram tristes, como tinham partido todas as outras expedições, e sim entre gritos e cantos que se repetiam ao longe.

17 A Diatonomion sucederam outros tuxauas; mas todos ignoravam que aquelas caravanas se tinham transformado em populosas malocas.

18 Pinon, depois de ter partido daquela terra, foi direto à terra das estrelas e deixou lá a sua linda filha, a quem tinha dado o nome de Jacy-tatá.

19 Quando voltou à terra, correu o mundo inteiro, encontrando por toda parte na sua passagem aquela gente que, mandada por ele em busca de sua mãe, Dinari, já se tinha transformado em povos numerosos; e por toda parte deixou filhos, mas ninguém reconheceu nele o forte Pinon, filho da terra dos Ilapay.

20 Foi nesse tempo que apareceu na terra o primeiro pajé, e foi na maloca do Cudiacury; e logo que Pinon soube que existia esse homem que via todas as coisas através da própria imaginação, dirigiu-se para lá. Quando o encontrou, falou-lhe assim:

21 «Filho das nuvens, venho perguntar-te onde está minha mãe, que há muito tempo se perdeu na terra dos Bianacas».

22 «Eu te direi», disse o pajé, «mas é preciso que eu saiba o seu nome para chamar a sua sombra».

23 «Chamava-se Dinari».

24 E o pajé pôs imediatamente no chão o seu matiry, tirou dele o cigarro de tauari e a cabacinha de caraiuru da lua; acendeu o cigarro e aspirou uma grande pitada de caraiuru da lua.

25 Gesticulava, gritava, cantava, sempre soltando grandes nuvens de fumaça. Subitamente rompeu numa grande gargalhada e disse:

26 «Só te falta saber adivinhar; tu és leve como um pássaro do ar, forte como os raios (estouros) do céu. Eu te ensinarei o que te falta, e tu me ajudarás a ensinar aos fortes de coração o segredo do pajé».

27 «Estou pronto, mas quero primeiro saber que fim teve minha mãe».

28 «Já vais sabê-lo. Oh! Como é bela tua mãe! Mas está longe, muito longe daqui, já transformada em peixe».

29 «Em que parte da Terra está ela?»

30 «Do lado do poente, no alto de uma grande montanha, num lago bem perto do céu, aonde a levou a mãe dos peixes e a transformou em pirarara (pirá: peixe, arara: arara, em nheengatu)».

31 «Posso tirá-la de lá?»

32 «Podes, mas é preciso que aprendas comigo o segredo do pajé, fumes do meu tabaco, aspires do meu pó e jejues uma lua inteira; e então conseguirás tudo».

33 «Já te disse que estou pronto a obedecer-te em tudo, porque quero que me facilites os meios de recuperar minha mãe».

34 «Em verdade, todos esses pajés que hoje existem», continuou Jurupari, «foram todos discípulos de Pinon, e ele foi o segundo pajé do mundo. O último dia que ele passou na terra foi aquele em que fecundou as vossas mães, de quem também eu descendo, e em que libertou sua mãe e a levou para o céu, onde todos vivem. E agora que conheceis a nossa história, peço a todos que me ajudeis de boa vontade a mudar os usos e os costumes dos habitantes da terra segundo a nossa lei.

35 Logo que veio o dia, Jurupari foi com os seus até onde estava a paxiúba nascida de Ualri, e à sua sombra contou a história da sua triste origem.

36 «Não quero que ninguém saiba que estamos aqui; é preciso, pois, derrubar este osso de Ualri sem barulho. Qual de vós sobe ao topo para lhe cortar as folhas?»

37 Ninguém respondeu, e, vendo que todos tinham medo, tirou do seu matiry a panelinha, pôs dentro um pedacinho de xicantá e levou-a ao fogo.

38 Logo, com a primeira fervura, saíram dela papagaios, araras, periquitos e outras aves roedoras, que foram pousar nas folhas da palmeira e num instante as cortaram.

39 E os do séquito de Jurupari, que tinham parado na margem do rio para beber, viram que das folhas que caíam na água nasciam peixes armados de dentes agudíssimos, cujas barbatanas se pareciam com aquelas folhas (tarihyra).

40 «O primeiro trabalho está feito; agora pescai-me no igarapé um peixe de dentes grandes e trazei-mo, para que eu possa derrubar este osso».

41 Eles foram e lhe trouxeram uma traíra, e ele lhe arrancou uma queixada e com ela serrou a paxiúba, que caiu no chão; mas tão devagar que mal se ouviu, como o voo dos pássaros.

42 Jurupari mediu e cortou os instrumentos, e, quando teve o número necessário, atirou na água o resto do tronco da palmeira, que foi engolido pelas águas.

43 «Companheiros, levai logo estes instrumentos para casa, porque vêm para cá não só os que foram a causa da morte de Ualri, mas também as sombras das cinzas de Ualri, que querem apoderar-se dos nossos instrumentos».

44 O que Jurupari disse foi feito com a rapidez de uma flecha.

45 Quando Jurupari chegou em casa, atirou na água um grão de sal de caruru (alga que nasce nas cachoeiras), que tirou do seu matiry, e logo trovões, raios e uma chuva de meter medo caíram sobre a terra; e assim Jurupari livrou-se de ter de combater as sombras das cinzas de Ualri.

46 Naquela mesma noite, no meio da horrenda tempestade, ele transportou a Jurupari-oca para as margens do Cayary, perto da cachoeira de Nusque-Buscà (casa do peixe, em carapanã-tapuia), que hoje se chama cachoeira de Jurupari.

47 Os Tenuiana, naquela manhã, levantaram-se tarde, porque pensavam que o barulho da cachoeira fosse o resto da tempestade.

48 Jurupari falou-lhes assim: «Companheiros, já estamos muito longe das sombras das cinzas de Ualri e das mulheres que sabem enganar os homens; mas isso não quer dizer que já estejais livres das seduções.

49 «Estamos perto de outra terra, onde as mulheres são bonitas e não ficam atrás daquelas em astúcia e curiosidade.

50 «Agora vou acabar de vos dizer as últimas coisas acerca da nossa lei; mas antes quero que conheçais o nome de cada instrumento e por que se chama assim. Sentai-vos à minha volta e ouvi: este é o instrumento chefe, tem a minha altura e chama-se ualri, cuja história todos conheceis.

51 «Este, que tem o comprimento das minhas pernas, chama-se yasmecerenè (onça, em tariana), porque é o único animal que se parece com o homem no valor e com a mulher nos enganos.

52 «Este, da largura do meu peito, chama-se bêdêbo (pato-mudo, em cabéna), cuja origem foi a curiosidade.

53 «Este, comprido como o meu braço, chama-se tintabri (pavãozinho-do-pará, em uaupés). Esta ave nasceu de uma mulher que era muito bonita, mas que, por mais bonita que fosse, se pintava com urucum para ver se assim superava as outras em beleza; e por isso o tuxaua dos cujubins (pelopis) a transformou em pavãozinho-do-pará.

54 «Este, do comprimento da minha coxa, chama-se mocino (grilo, em arapaço), representa a sombra de um homem-mulher que, não querendo amar ninguém, viveu sempre escondido, cantando só de noite, e foi transformado em grilo pela própria mãe da noite.

[55] «Este, comprido de duas braças, chama-se arandi (arara, em pira-tapuia), representa uma mulher bonita, mas sem atrativos nem gosto pelos homens, e por isso foi transformada em arara pelo pai dos iauty.

[56] «Este, que tem dois pés de comprimento, chama-se dasmae (rola, em aroaquy), e representa o coração de uma moça que durante a sua curta existência se alimentava apenas de frutas silvestres e que, depois de morta, foi transformada em rola pelo próprio pai, que era pajé.

[57] «Este, largo como três das minhas mãos, chama-se piron (águia, no dialeto dos Jurupixuna) e representa o pajé, porque foi esta ave que lhe deu a pedra em que ele aprendeu a ver todas as coisas através da sua imaginação, com o tabaco e o caraiuru.

[58] . . . . . .

[59] «Este, do comprimento da minha canela, chama-se dianari, e todos já conhecem a sua história (pássaro negro, em uynamby-tapuia).

[60] «Este, que vai do meu joelho à cabeça, chama-se tity (paca, em baníua), representa o ladrão e é a imagem de uma velha que só vivia do alheio e foi transformada em paca pelo acuty-puru (esquilo, em nheengatu).

[61] «Este, que tem duas mãos de comprimento, chama-se ilapay; este outro, do comprimento da minha espinha dorsal, chama-se mingo (traíra, em cueuanna); de ambos sabeis a origem.

[62] «Este, que vai do meu joelho ao queixo, chama-se peripinacudri (tenten, em uaupés: passarinho cantor, todo negro, da cabeça às dragonas amarelas), representa um belo rapaz desejado por todas as mulheres, mas que não se

deu a nenhuma, de modo que, irritadas, o atiraram na cachoeira depois de lhe fazerem um encantamento.

63 «Este, que mede a metade do meu corpo, chama-se buê (cutia, em cubeo), representa aquela velha medrosa que, esperando a todo momento que o céu desabasse sobre a terra, nunca plantou uma única semente, vivendo do que os outros plantavam, e por isso foi transformada em cutia pelo macaco da noite.

64 «E este último, que me vai dos ombros ao umbigo, chama-se canaroarro (saúva, em manau), representa aquele velho que, tendo visto em sonho a fome comendo a terra, trabalhava dia e noite amontoando provisões dentro de casa para ter o que comer quando a fome viesse; foi transformado em formiga pelo tatu (pangolim), para que fosse comido.

65 «E agora que conheceis o nome de todos os instrumentos, passo a dar a cada um a voz que deve ter».

66 E Jurupari tirou do matiry um pouco de cera, passando-a sobre a boca de cada um dos instrumentos, e quando o último ficou pronto ordenou que os levassem para fora da sala e os pusessem de pé, mas que ninguém os tocasse até o momento da festa.

67 E quando acabaram, chamou-os outra vez à sua volta, e quando estavam todos, falou assim:

68 «É proibido ao tuxaua de uma tribo que seja casado com uma mulher estéril continuar a viver com ela sem tomar uma ou mais mulheres, conforme o caso, até que tenha sucessores. Aquele que não quiser conformar-se com isto seja substituído pelo mais forte dos guerreiros da tribo.

69 «Ninguém procure seduzir a mulher alheia, sob pena de morte, que atingirá tanto o homem como a mulher.

70 «Nenhuma donzela chegada ao tempo de ser violada pela lua (à puberdade) conserve inteiros os seus cabelos, sob pena de não se casar antes de ter cabelos brancos.

71 «Quando a mulher der à luz, o marido jejue pelo espaço de uma lua, para que o filho possa adquirir as forças que o pai perder. Durante este jejum o homem não deverá comer senão saúvas, camarões, beiju e pimentas.

72 «Era isto o que me restava dizer sobre os costumes que devem regular a família; cada um os faça conhecer e observar na sua casa.

73 «E agora, quando ouvirdes o sinal, começará a nossa festa; preparai, pois, a casa e preparai as nossas bebidas, que a hora já está para chegar». Dadas estas ordens, Jurupari desapareceu do meio dos seus companheiros.

74 Os jovens, que desejavam ver concluída a festa de Jurupari, puseram-se logo a preparar a casa, mostrando no rosto a alegria do coração.

75 Os velhos continuavam frios e tristes, sem que aqueles preparativos tivessem o poder de os alegrar.

76 Quando o sol daquele dia desapareceu, os instrumentos começaram a tocar, sem que ninguém os tocasse, aquela mesma música festiva que só os Nunuiba tinham ouvido quando levavam Ualri ao suplício.

77 Nesse momento entrou Jurupari e disse: «Irmãos e companheiros, chegou a hora da festa. Temos três dias e três noites para aprender a música e o canto de Jurupari. Os mais jovens peguem os instrumentos, e vamos formar a grande roda».

78 E, tomando o instrumento chefe, pôs-se no meio da sala, e logo se ouviram ecoar sons muito longe.

79 E ouviram-nos as onças e as cobras, e os próprios peixes vieram à flor da água para ouvir a música de Jurupari.

80 Quando a noite chegou ao meio, Jurupari deixou de tocar e ordenou que os outros continuassem, e naquele mesmo momento ouviram-se os gritos dos animais que estavam em volta da casa.

81 E ele disse: «Até os animais estão ouvindo a nossa música.»

82 Beberam o caxiri e o capy, e a música recomeçou com novos tocadores, e no meio da festa ouvia-se o estalar do adaby (chicote de Jurupari, em nheengatu).

83 Quando o sol avermelhava as raízes do céu, Jurupari tornou a guardar o instrumento, para que pudessem entrar novos tocadores.

84 Então se ouviram em volta da casa risadas de gente.

85 E Jurupari correu à porta e viu uma porção de gente que vinha na sua direção.

86 «Companheiros, escondei os nossos instrumentos, que vêm aí os habitantes desta terra».

87 E os instrumentos foram escondidos num pequeno quarto feito para esse fim, e a porta dele foi tapada com pedra.

88 Quando o tuxaua dos que vinham chegou à porta, Jurupari foi em pessoa recebê-lo e logo o reconheceu, porque trazia ao pescoço a itá-tuxaua.

89 «Ouvi da minha maloca a tua música e apressei-me a vir dançar contigo, mesmo sem ser convidado. Desejo conhecer-te, saber de que terra vens e que desejas da minha».

90 E Jurupari respondeu:

91 «Eu sou o tuxaua dos Tenuiana, e a minha terra é a que está mais perto do sol. Devo mudar os usos e os costumes de todos os habitantes do mundo, e vim aqui para vos deixar as leis a que todos hão de obedecer».

92 «Faze-me conhecer as tuas leis e, se forem boas, eu as obedecerei.»

93 E enquanto os dois chefes conversavam, as mulheres entraram na casa, bisbilhotando por toda parte, até no dormitório, e perguntavam:

94 «Então, de onde sois vós?»

95 «Somos Tenuiana».

96 «Certamente viestes à nossa terra em busca de mulheres para casar; nós somos solteiras e teríamos grande prazer em que vós quisésseis casar connosco. É muito longe a terra de onde vindes?»

97 «Longe».

98 «Se vos casardes conosco, iremos viver lá. Vamos dançar?»

99 «Estamos cansados».

100 «Então tocai alguma coisa para nos dar prazer».

101 «Não podemos, porque precisamos descansar».

102 E enquanto elas falavam, provocavam-nos de todas as maneiras; mas os Tenuiana permaneciam frios diante daqueles belos corpos que nenhum véu escondia; só o poder da nova lei os podia tornar tão frios.

103 Chegada a tarde, quando os visitantes se retiraram, aquelas mulheres levavam consigo o coração daqueles rapazes que as tinham rejeitado para obedecer à lei de Jurupari.

104 E Jurupari disse:

105 «Como fomos interrompidos nas nossas festas pelo tuxaua Arianda e pela sua tribo, elas ficam adiadas para mais tarde, e então ele também tomará parte nelas. Prometi visitá-lo amanhã com todos vós, e antes que volte o sol nos poremos a caminho para lá.

106 «Podereis ser amáveis com aquelas moças e gozar com elas, mas ai daquele que revelar a menor parte do nosso segredo.

107 «E os que não se julgarem bastante fortes para resistir às seduções, que fiquem; mas os que forem lembrem-se de que, mesmo em casos de amor, é melhor mentir do que revelar os nossos segredos».

108 Os quatro velhos não dormiram toda aquela noite, preparando os seus ornamentos e banhando-se na cachoeira para se mostrarem o mais vantajosamente possível às vizinhas.

109 O sol ainda não se fazia belo nas raízes do céu e Jurupari partia com os companheiros, e todos notavam que os velhos estavam muito contentes.

110 Quando venceram uma subida, avistaram a maloca, cujos habitantes passeavam diante das casas enfeitados de penas.

111 Arianda veio com as filhas receber Jurupari até o começo do caminho e levou-o à casa onde, à espera dos visitantes, se tinham disposto antes comidas em grande quantidade.

112 E Arianda, ao encontrar Jurupari, disse: «Fica sabendo que tive contigo um belo sonho».

113 «Não duvido; tu me esperavas. E que sonho foi o teu?»

114 «Só a ti o direi».

115 «Seja: falaremos a sós, pois também eu tenho de te dizer uma coisa em segredo e ensinar-te o que deves fazer».

116 «Faremos isso depois que tu e a tua gente tiverdes comido; toma, pois, lugar na esteira e chama os teus companheiros para que comam».

117 E assim se fez, e cada visitante tinha ao seu lado uma moça bonita, e ao lado de Jurupari estava a filha de Arianda, que o servia e lhe deitava o caxiri.

118 Pouco contentes se mostravam as moças que estavam ao lado dos velhos; enquanto as que estavam ao lado dos jovens mostravam nos gestos e na voz todo o seu contentamento, e antes que acabasse o banquete já corria mais de um abraço e de um beijo furtivo.

119 E os velhos, que viam todas aquelas coisas, ficavam frios até os ossos.

120 Quando acabaram de comer, Arianda e Jurupari foram a uma casa situada longe do povoado, onde iam tratar das novas leis; mas, antes de partir, Arianda disse que podiam dançar e beber três noites e três dias, que tanto durariam as festas em honra de Jurupari.

121 Todas estas coisas aconteciam na véspera do dia em que os homens deviam sair da maloca para acompanhar ao alto da montanha os pajés, que com os seus remédios iam espantar a morte, que queria vir matar a lua.

122 Com isso os Tenuiana ficaram senhores de gozar livremente as belas mulheres Arianda.

123 Os usos da terra queriam que as mulheres escolhessem os seus companheiros; e assim os jovens foram logo levados para o meio da sala, onde duas jovens tocadoras esperavam que os pares estivessem formados para começar a dança.

124 Embora muitas moças ficassem sem companheiro, nenhuma quis dançar com os velhos, que ficavam tristes, sentados num canto.

125 E o capy e o caxiri eram distribuídos em abundância, e pouco a pouco os desejos foram se acendendo, e à noite as mulheres Arianda já disputavam os visitantes, e os beijos e os abraços provocantes eram cada vez mais frequentes.

126 Veio a noite, e, como não havia resina para iluminar a sala da festa, a dança continuou no escuro até o amanhecer, e ninguém soube o que aconteceu entre os dançarinos; só Jurupari e Arianda viram tudo.

127 Arianda, quando chegou à casa com Jurupari, falou assim:

128 «Na verdade, a tua visita me dá muito prazer, porque a terra mais próxima de mim fica a duas luas de caminho, e eu não posso visitá-la com frequência. Mais de uma vez eu quis deixar esta terra para me aproximar de

outra terra habitada, mas a minha gente não quer abandonar esta terra que a viu nascer. Se o meu sonho se realizar, serei teu companheiro em todas as lutas da vida».

129 «Que sonho é o teu?»

130 «Sonhei que tu tinhas vindo à minha maloca para me pedir em casamento minha filha Curàn, e que isso aconteceu no dia seguinte à tua chegada. É raro que os meus sonhos não sejam verdadeiros; espero, pois, ver realizar-se o que a mãe dos sonhos me anunciou».

131 «Arianda, em verdade te digo: enquanto não tiver realizado a grande reforma que devo cumprir na terra, não tomarei mulher. Tua filha Curàn é muito bonita, e, se ela quiser escolher algum dos meus companheiros, eu aceito e o farei senhor de uma grande tribo».

132 «Quero aprender o que ainda não sei e ser teu companheiro e acompanhar-te em todas as lutas, e por isso acho boas as tuas palavras».

133 «Como a noite já está sobre nós», continuou Jurupari, «vamos assistir à festa; amanhã te direi o que temos de fazer».

134 «Então vamos descer à casa da festa», disse Arianda, levantando-se da rede.

135 «Não é preciso; poderemos ver tudo sem sair das nossas redes; lá nós atrapalharíamos».

136 E Jurupari pôs a mão no matiry e tirou dele duas pedras coloridas e lustrosas, e deu uma a Arianda, dizendo: «Aqui tens um pedaço da sombra do céu, onde verás tudo o que acontece na festa».

137 E logo que Arianda a teve e pôs os olhos nela, viu reproduzir-se diante dos seus olhos a cena com tanta fidelidade que se reconheciam facilmente todas as pessoas.

138 Viu que as velhas, que durante o dia tinham assistido de longe à dança, agora tomavam parte nela, procurando aproveitar o mais que podiam o engano que a escuridão e as bebidas podiam produzir.

139 Também os velhos, depois de terem sido deixados de lado o dia inteiro, eram procurados pelas jovens Arianda, que eles se esforçavam por satisfazer como melhor podiam. Arianda e Jurupari riam dos enganos e dos esforços dos outros e das suas hábeis substituições.

140 Quando chegou o dia, os dois chefes puseram de lado as sombras do céu e continuaram a conversar sobre as coisas da nova lei. Entretanto a festa continuava.

141 As velhas faladeiras foram contar a Curàn o que tinha acontecido com elas durante a noite, e Curàn, que era muito curiosa, quis ver o que lhe tinham contado.

142 Quando chegou a segunda noite, Arianda e Jurupari tornaram a pegar as sombras do céu e começaram a assistir à festa.

143 E viram coisas ainda piores do que na noite anterior. Para cada Tenuiana havia cinco mulheres Arianda. E Jurupari se indignava, e Arianda calava; mas era aquela a primeira vez que via tais coisas na sua maloca. Veio a meia-noite, e Arianda viu sua filha Curàn saltar da rede e caminhar até a porta da casa da festa, onde um Tenuiana a tomou e a deflorou. E Arianda, nesse ponto, gemeu; Jurupari, que o ouviu, perguntou:

144 «Que tens?»

145 «A minha desgraça diante dos meus olhos».

146 «Se a minha lei já vigorasse, isto não poderia ter acontecido; mas quem tocou tua filha há de se casar com ela, e tudo ficará reparado».

147 E Arianda, gemendo pelo que tinha visto, entregou a sombra do céu a Jurupari e disse:

148 «Aqui tens a tua pedra, não me serve mais para nada, porque não quero ver mais nada. Vou dormir para tentar esquecer a minha desgraça; e quando tiveres acabado de ver, acorda-me, que continuaremos a conversar».

149 E Jurupari ficou só e continuou a ver, mas tudo estava mais feio.

150 O curàmpa (pequena coruja) já cantava à beira do caminho, e voltaram os salvadores da lua, enquanto a festa continuava sempre desenfreada; e Jurupari, para não ver, escondeu no seu matiry a sombra do céu.

151 Acordou Arianda, e continuaram a conversar sobre as coisas futuras.

152 Quando nasceu o sol do quarto dia, os dois tuxauas voltaram à maloca, e logo se notou em Arianda uma profunda tristeza e em Jurupari alguma coisa de terrível e ameaçador.

153 «Companheiros», disse Jurupari, «acomodai-vos e conversemos».

154 «Amanhã ouvireis de mim verdades amargas: abusastes demais da liberdade que vos dei. Mas não falemos disso agora; ide primeiro recuperar com o descanso as forças que perdestes».

155 No dia seguinte Jurupari voltou a falar assim: «Infelizmente tenho de vos dizer verdades amargas, já que vós me obrigais a isso.

156 «Eu nunca teria pensado que houvesse gente tão má como vós.

157 «Que um homem se aproveite da fraqueza da mulher ainda é natural; mas que um satisfaça cinco é coisa nova, que só se viu praticada pelos reformadores na terra de Arianda.

158 «Se amanhã as outras tribos souberem que os habitantes do Tenuí são gente má, que nada respeita, como poderão crer que são eles que devem reformar os usos e os costumes de toda a terra?

159 «Se isto se repetir, eu vos abandonarei e irei procurar outro povo para educá-lo, e ele não poderá ser senão melhor do que vós.

160 «Abusastes de tal modo da liberdade que vos dei que a dor me cresce no coração e o enche de ira; e das vossas mãos não escapou nem mesmo Curàn, a filha de Arianda.

161 «Quem de vós deflorou Curàn? Ninguém? Quem quer que tenha sido esconde-se inutilmente. Eu vi tudo o que aconteceu, e Arianda também viu. E há no seio de Curàn um novo ser, que verá o sol como nós; e por isso prometi que aquele que a violou repararia o mal casando-se com ela. Não posso deixar perder a minha palavra verdadeira. Quem foi, que se apresente».

162 E como ninguém se apresentava, Jurupari tirou do matiry as sombras do céu, onde estava pintado tudo o que tinha acontecido, e, mostrando-as à sua gente, disse: «Aqui está pintada Curàn, sofrendo o seu mal, e este é quem lho faz. Quem é?»

163 E o rapaz que reconheceu a própria figura baixou a cabeça envergonhado.

164 «Fui eu, tuxaua», disse Caminda; «mas não teria pensado que me tivesse cabido uma moça tão gentil, porque não pude ver a sua beleza nas sombras da noite».

165 «E serás tu mesmo quem se casará com Curàn, porque eu já o prometi a seu pai: amanhã será o casamento, e depois terminaremos as nossas festas.

166 «Mas, se os jovens foram repreensíveis, não o foram menos os velhos, que se esqueceram dos próprios anos e quiseram satisfazer as mulheres quando já não o podiam.

167 «Amanhã assistiremos ao casamento de Caminda; preparai hoje todos os vossos ornamentos, para que, ao aparecerem as primeiras alegrias do céu, partamos para a maloca de Arianda».

168 Quando o oriente avermelhava, Jurupari com a sua gente dirigiu-se à maloca de Arianda, onde a música já anunciava a festa próxima, e os habitantes, enfeitados de penas, estavam reunidos diante da casa da festa.

169 Ao chegar, Jurupari disse: «Companheiros, esta noite vai casar-se o nosso parente Caminda com a bela Curàn. Este casamento vem assegurar-nos o concurso de todos estes jovens na reforma que devemos fazer nesta terra.

170 «Mas sabei que não quero ter de reparar mais nada deste modo».

171 Acabando de falar, Arianda e Jurupari foram à casa fora do povoado para falar das festas futuras, e os Tenuiana ficaram na casa da dança.

172 E os velhos, que tinham sido tão severamente repreendidos por Jurupari, ficavam cautelosos e calados, sem sequer se atreverem a olhar para as mulheres Arianda.

173 O dia era de festa, e as mulheres serviam aos Tenuiana as comidas e as bebidas costumeiras, e eles comiam e bebiam, porque é falta recusar, de modo que ao entardecer os Tenuiana e os Arianda já estavam quase bêbados.

174 As mulheres tentavam aproveitar-se desse estado para fazer deles o que queriam, mas velhos e jovens resistiam, lembrando-se das palavras de Jurupari.

175 Veio a noite, e a música entrou na casa, precedendo os noivos e os dois tuxauas, que os outros seguiam; e formou-se a grande roda, e dentro dela a roda dos noivos, e começou a música.

176 Quando a roda dos noivos girava para a direita, os outros seguiam para a esquerda, ou ao contrário; e continuaram bebendo e dançando até a meia-noite. Então os noivos, já quase bêbados, foram levados ao quarto nupcial, onde foram deixados sós algum tempo.

177 Passado o tempo marcado pelo costume, os noivos voltaram à grande roda, onde receberam de todos a saudação do macuhy.

178 Quando o dia raiava, os noivos entraram de novo no quarto nupcial, de onde só deviam sair à meia-noite seguinte para terminar o casamento.

179 Arianda e Jurupari voltaram à casa fora do povoado, e Arianda pediu a Jurupari que não tirasse as sombras do céu e que desse toda a liberdade à sua gente.

180 «Se assim queres, vai tu mesmo dá-la».

181 E Arianda foi fazê-lo, mas, quando chegou perto da casa da festa, viu que ia fazer uma coisa inútil e voltou atrás.

182 Quando foi meia-noite, os tuxauas voltaram, e os noivos, saindo do quarto nupcial, puseram-se no meio da grande roda, onde receberam de cada um dos presentes uma chicotada.

183 E quando Caminda e Curàn receberam a última chicotada com o cipó sobre o qual o pajé tinha soprado, voltaram ao quarto, de onde só deviam sair ao meio-dia seguinte para assistir ao grande banquete.

184 Os chefes retiraram-se, e a festa continuou.

185 Quando chegou a hora do grande banquete, os noivos receberam das mãos dos tuxauas as suas coroas de penas e, assim enfeitados, foram ao banquete, a que todos assistiram.

186 E assim foram casados Caminda e Curàn.

187 No dia seguinte, Jurupari e a sua gente voltaram para a sua casa, para onde também voltou Caminda, que se despediu da mulher por três dias.

188 Os dois tuxauas tinham combinado que a festa de Jurupari devia começar naquele mesmo dia e que Arianda mandaria as mulheres pescar camarões por três dias no igarapé da Mycura (espécie de sariguê).

189 Curàn foi a única que não foi: estava, disse, doente.

190 Naquele mesmo dia Arianda partiu com a sua gente para a Juruparioca, onde, logo que veio a noite, começou a festa.

191 Quando a noite chegou ao meio, Jurupari pôs de lado os instrumentos e disse todos os pontos da sua lei, que deve regular os usos e costumes de toda a terra.

192 E quando acabou, disse: «Agora que já conheceis tudo o que deveis conhecer, ensino-vos o canto de Jurupari, que só será ensinado aos jovens quando forem admitidos pela primeira vez na festa dos homens e souberem guardar segredo.»

193 E disse a Arianda: «Deixa o teu instrumento e acompanha o canto, e contigo todos os que não têm instrumento acompanhem o canto».

194 Curàn, que o marido e o pai pensaram que ficasse na maloca, logo que os seus saíram, saiu também, seguiu-os de longe até a Jurupari-oca e, do alto de uma pedra que ficava perto deles, quando veio a noite, viu tudo o que acontecia, ouviu a lei e aprendeu a música e o canto de Jurupari.

195 E quando conheceu todos os segredos, partiu e voltou à maloca antes do dia, tendo formado no coração um desejo que prometeu a si mesma cumprir.

196 As festas terminaram no terceiro dia, e Jurupari despediu-se de Arianda. Quando os Tenuiana ficaram sós, Jurupari disse:

197 «Sabeis que ainda tenho de cumprir uma promessa na terra do Tenui, e os que têm a sua mãe perto da minha voltarão lá comigo, porque devemos cumpri-la juntos.

198 «Os outros podem voltar ou ficar, à vontade, pois pouco me resta ensinar; e os que vierem comigo ficarão obrigados a ensinar depois aos outros o que ainda falta.

199 «Partiremos quando a lua aparecer».

200 Logo que a lua apareceu, Jurupari ordenou aos seus companheiros que se sentassem na esteira de uaruman; então partiram, e quando chegaram, de madrugada, à maloca, não encontraram ninguém.

201 Só encontraram em todas as casas ossos de crianças, e na de Jurupari um quarto cheio de cabelos de mulheres.

202 Os companheiros de Jurupari perguntaram: «Que significa isto?»

203 «Depois de cumprirmos a nossa promessa contarei o que aconteceu: quero ter o coração vazio de cólera para poder chorar.

204 «Hoje é a noite das maldades da lua; e, antes que ela apareça, queimai todos os ossos que estão nas casas e trazei-me as suas cinzas para as bebermos no caxiri.

205 «Eu vou fazer as nossas vestes, para que as nossas mães não nos reconheçam quando estivermos chorando perto delas, com os cabelos que as mulheres nos deixaram; e farei os dois instrumentos que devem chorar conosco e que serão tocados por mim e por Caryda, a quem escolhi para me acompanhar por toda a terra.

206 «Quando a lua estiver comovendo as mulheres, vinde aqui para preparar as nossas bebidas e para subir ao cume da montanha».

207 Assim se fez; e, depois de reduzirem os ossos a cinzas, misturaram-nas com o caxiri, e quando tudo estava pronto Jurupari disse:

208 «Chegou a hora de cumprir a nossa promessa: bebamos as cinzas dos nossos parentes, para que não se percam no seio da terra; e tu, Caryda, toma o teu instrumento; vistamo-nos todos com estas vestes feitas de cabe-

los, para que as nossas mães não nos reconheçam, e vamos lá onde elas estão, chorar».

209 E Jurupari e Caryda, de pé diante das suas mães, tocaram a marcha dos mortos, e os seus companheiros os acompanhavam chorando diante das próprias mães.

210 Quando a lua diminuiu as suas maldades, os corpos daquelas mulheres inclinaram-se para a terra até se estenderem nela, e Jurupari disse:

211 «Companheiros, a nossa missão está terminada; cada um enterre a sua mãe».

212 Jurupari tomou o corpo de sua mãe, voou com ele para a serra de Marubitena e deixou-o ali, dizendo: «Deixo-te nesta montanha para que sejas útil a todos e do teu corpo nasçam plantas preciosas, que sirvam de remédio aos amores infelizes».

213 Quando o sol apareceu, tudo era silêncio e tristeza na Serra do Tenui.

214 Foi com o sol do terceiro dia que Jurupari deu o sinal para se reunirem.

215 «Agora contarei», disse, «o que aconteceu durante a nossa ausência.

216 «No dia seguinte à nossa partida para o Aiary, as mulheres procuraram-nos por toda parte, tristes e desesperadas com o nosso desaparecimento.

217 «Nenhuma sabia a direção que tínhamos tomado, e reuniram-se todas para tomar uma resolução.

218 «Arauyry, moça astuta e cheia de maldade, disse: "Já que os homens fogem de nós sem motivo e sem nos dizer nada, quer dizer que aqui não põem mais os pés; e por isso, para não propagar esta raça de homens sem

amor, sem coração, digo que se matem todos os meninos".

219 «E Pesparen acrescentou: "Não só é preciso matar todos os filhos homens destes ingratos, mas cortar os nossos cabelos, que ainda guardam o cheiro dos lábios daqueles traidores, e depositá-los todos na casa de Jurupari; depois procuraremos um novo destino".

220 «Nuré, que tinha mais de um homem, e entre eles Caryda, disse: "Tudo está bem; mas, para que não fique ninguém, levemos conosco também as nossas parentas de pedra e com elas Seucy".

221 «Saén, moça ardente e excessiva, propôs por fim que se pusessem, por meio de uma operação, na impossibilidade de ceder ainda a homem.

222 «E tudo foi aprovado; e a primeira coisa que tentaram foi levar as nossas mães, mas não conseguiram; então cortaram os cabelos, que foram depositados aqui, mataram todos os meninos e, cortando os lábios, uniram-nos com resina de uanany, para que se fechassem.

223 «E agora elas vão descendo o rio ao acaso, sem outro guia além da correnteza.

224 «Sabei agora que os instrumentos que servem para chorar os mortos só devem ser tocados pelo pajé e pelo tuxaua, quando chorardes os parentes e beberdes as suas cinzas».

225 E então Jurupari sentiu alguma coisa mexer-se no matiry, pôs a mão dentro e sentiu alguma coisa que lhe feria os dedos:

226 «Companheiros, estamos traídos!»

227 E, perguntando os companheiros quem os tinha traído, ele tirou do matiry uma das sombras do céu e viu Curàn com todas as mulheres Arianda fazendo o dabucuri e tocando e cantando a música e o canto da festa dos homens. Pegou então outra pedra, em que tudo ficava pintado, e viu Curàn, que do alto da pedra assistia a toda a festa. E, cheio de tristeza, falou assim:

228 «Poderá haver algum dia na terra uma mulher realmente ajuizada?

229 «Curàn, que todos pensavam ter ficado doente em casa, assistiu a toda a nossa festa. Eu e Caryda partimos já».

230 «E nós, que faremos sem ti?»

231 «Ide por toda a terra ensinar a lei, a música e o canto de Jurupari».

232 «Caryda, segura-te bem nos meus ombros, porque vamos cair na terra dos Arianda».

233 E Caryda perguntou: «Que devo fazer quando tivermos chegado?»

234 «Tens de te transformar em inseto e entrar no instrumento que Curàn estiver tocando e roer toda a cera que lhe dá a voz».

235 E ao mesmo tempo deu-lhe um talismã, para que o pusesse no nariz quando se transformasse em inseto.

236 Caminda, ao voltar à maloca, encontrou Curàn já curada.

237 Arianda, que era agora o reformador dos velhos usos e costumes da sua terra, ordenou aos pajés que os ensinassem, mas de modo que as mulheres nunca suspeitassem que aquilo era obra de Jurupari.

238 Ora, um dia Curàn reuniu todas as mulheres longe da maloca, revelou-lhes o segredo de Jurupari, disse como eram os instrumentos e cantou a música e o canto de Jurupari.

239 «E é por isso», concluiu, «que os homens deixaram de fazer a nossa vontade.

240 «Para que eles possam crer que nós não sabemos nada, vamos também nós organizar o nosso Jurupari e fazer a nossa festa, que deve ser inaugurada com um dabucuri de tapioca. De hoje em diante devemos reunir-nos aqui todas as tardes para aprender o canto de Jurupari, até que eu possa roubar o instrumento que meu marido escondeu.

241 «Esta mesma noite, quando ele sair, eu o seguirei para saber aonde ele vai; e, se eu o descobrir, amanhã mesmo teremos os nossos instrumentos feitos pelo modelo daquele; mas, principalmente, segredo».

242 Os velhos, que eram desprezados pelos seus companheiros, resolveram abandoná-los e juntar-se às Nuibas.

243 Logo que veio a noite, recorreram aos seus amuletos e voaram para a terra onde Ualri fora punido; e, quando passaram pelo lugar onde ele fora queimado, foram apedrejados pela sua sombra.

244 Naquela mesma noite Curàn, quando Caminda chegou, fingiu dormir.

245 E quando Caminda, vendo-a de olhos fechados, saiu de casa, Curàn seguiu-o até onde as águas da cachoeira repousam e onde Caminda tinha escondido o seu instrumento.

246 Então, já sabendo o que desejava, voltou para casa. Quando ia entrar, ouviu-se chamar, voltou-se e viu um belo rapaz que lhe fazia sinal como se quisesse falar-lhe.

247 Ela o seguiu, e ele a levou a um lugar afastado, onde se ofereceu para fazer os instrumentos, dizendo-lhe que era indispensável roubar o de Caminda, para que ficassem completos.

248 E Curàn, fascinada pela beleza do rapaz, nem lhe perguntou quem era; perguntou-lhe só quando o tornaria a ver.

249 «Amanhã, no mesmo lugar, para te entregar os instrumentos».

250 Quando voltou para a sua rede, adormeceu logo e sonhou a noite inteira com a grande festa em que o tocador principal era o belo rapaz que lhe tinha prometido os instrumentos.

251 Vinda a manhã, contou logo às companheiras que tinha como tocador um belo rapaz, que tudo estava pronto e que preparassem os pães de tapioca para o dabucuri, que devia ser no dia seguinte.

252 Voltou a noite, e Caminda foi ver o seu instrumento, e Curàn foi encontrar o rapaz, que logo lhe deu os instrumentos iguais aos de Jurupari, faltando só um, e, ao dar-lhos, disse:

253 «Aqui está o que te prometi; só falta um instrumento, mas tu sabes onde buscá-lo».

254 «Não vens conosco?»

255 «A festa é só de mulheres, e não ficaria bem que eu estivesse lá».

256 «Ao menos vem beber o caxiri conosco, porque quero que as minhas companheiras te conheçam».

257 «Irei com os da tua casa, mas não digas a ninguém que fui eu que te dei os instrumentos».

258 «Qual é o teu nome?»

259 «Cudeabuma (espírito maligno, em pamary)».

260 «E de que lugar és filho?»

261 «Da terra das cinzas. Mas vai-te, que o teu marido vem aí. Amanhã, quando o sol estiver a pino, vai buscar o instrumento dele e fazei logo o da-bucuri, acompanhado da música e do canto de Jurupari».

262 E o rapaz sumiu nas sombras da noite, e Curàn voltou para casa, onde Caminda, voltando mais tarde, a encontrou ainda acordada e pensativa, de modo que lhe perguntou o que tinha.

263 «Eu tinha acordado e te procurei na rede, mas não estavas, e pensei que tinhas fugido de mim».

264 «Não tenho motivo para fugir de ti; só tinha ido ver a lua nascer, que hoje vem revolver todas as mulheres».

265 «Se tens ciúmes da lua, vem para a rede comigo me defender».

266 E Caminda deitou-se com sua mulher. Ora, aconteceu que durante a noite Curàn sonhou com Cudeabuma e o chamou, abraçando Caminda, e que este ouviu tudo.

267 Quando se levantou de manhã, contudo, não disse nada, pensando que fosse a lua que tinha entrado em Curàn, apesar de ele querer impedi-lo.

268 Quando o sol chegou ao meio do céu, os Arianda ouviram a música e o canto de Jurupari e correram todos para ver quem vinha tocando, e viram as mulheres que vinham do porto, umas tocando e outras cantando, e todas traziam às costas cestos carregados de tapioca.

269 Quando Caminda foi com os seus ver se os seus instrumentos estavam onde os tinham deixado, todos os encontraram no lugar; só Caminda não encontrou o seu.

270 Todos estavam imóveis diante daquela grande profanação, e ninguém respondeu a Caminda, que perguntava quem tinha tirado o seu instrumento. Então ele quis atirar-se sobre Curàn para matá-la e executar assim a lei de Jurupari; mas Arianda o impediu e disse:

271 «Não creio que o teu instrumento esteja entre os que estão tocando: vai e procura melhor, que hás de encontrá-lo».

272 E Caminda voltou à cachoeira e procurou o seu instrumento.

273 Naquele instante o instrumento de Curàn começou pouco a pouco a perder a voz, até se calar de todo.

274 E no meio das dançarinas levantou-se uma grande fumaça que as fez enlouquecer, e riam sem saber por quê.

275 Entre elas estavam Jurupari e Caryda, que logo lhes tiraram os instrumentos das mãos, atirando-os ao fogo.

276 Jurupari devolveu a Caminda o instrumento que lhe pertencia e disse-lhe:

277 «Nunca confies nas mulheres. Se tivesses feito Curàn ir pescar com as outras, não aconteceria o que estamos vendo.

278 «Ela assistiu do alto de uma pedra a toda a festa dos homens e só se retirou de manhã, já conhecendo todos os nossos segredos.

279 «Curàn roubou o instrumento de Caminda porque ele não o soube esconder como fizeram os seus companheiros; agora quero saber quem lhe deu os outros, e o saberei, porque nada me é oculto».

280 Jurupari tirou do matiry as sombras do céu, e nelas viu figurado Cudeabumà, que ria, e disse:

281 «Eis agora estas sombras más sobre a terra, para trazer a ruína das mulheres!»

282 «E quem são?»

283 «Uacten mascan».

284 «As que nasceram das cinzas de Ualri?»

285 «Essas mesmas».

286 «E como devemos fazer para que estas desgraçadas esqueçam o delito que cometeram?»

287 «Destruir os vestígios do seu delito».

288 «Mas as sombras de Ualri voltarão a tentá-las».

289 «Hão de tentá-las sempre, até que a terra morra. Quando vier a noite, defumai com pimenta todas as casas para fazer fugir as sombras, e atirai no rio os cestos de tapioca e os ornamentos de penas; e amanhã, quando as mulheres acordarem, fazei-lhes uma defumação de xicantá».

290 Arianda pediu a Jurupari que ficasse ainda uma lua para ensinar àquelas mulheres o caminho por onde deviam ir.

291 «E por que não o fazes tu? Observa e faze observar a minha lei; mas eu me fingirei pajé para todos e ficarei ainda meia lua contigo».

292 No dia seguinte foi o próprio Jurupari quem acordou todas as mulheres, que, mal acordadas, queriam agarrá-lo; mas Jurupari escapava-lhes logo.

293 Ele, transformado em pajé, reuniu-as todas e falou-lhes assim:

294 «Se não fosse a compaixão que me inspirais, eu não quereria prevenir-vos da sentença que pesa sobre vós, provocada pelas vossas loucuras. Na mente do tuxaua já estais condenadas a morrer, porque faltastes às leis do Sol. Daqui a três dias eu vos direi tudo o que deveis fazer para escapar à ira do nosso tuxaua.»

295 E muitas disseram: «Por que não no-lo dizes agora?»

296 «Para que aprendais a saber esperar e a ter paciência».

297 E quando chegou o terceiro dia, Jurupari reuniu-as e disse:

298 «Passo agora a dar-vos as normas da vossa conduta.

299 «Foi o Sol que as mandou, e chamam-se as leis de Jurupari, a que estão sujeitos homens e mulheres; quem não as cumprir será condenado a morrer.

300 «Por isso, se quereis viver em paz sobre a terra, deveis obedecer a estas leis».

301 E as mulheres disseram: «Dize-nos essas leis, para que as possamos observar».

302 «Aqui as tendes», disse Jurupari:

303 «Uma mulher, para ser boa, não deve casar-se senão com um só homem e viver com ele até a morte, e ser-lhe fiel, e não traí-lo por nenhuma razão; não deve desejar saber os segredos dos homens, nem o que acontece entre os outros; não deve desejar nem experimentar o que lhe pareça apetitoso; deve jejuar uma lua inteira até que Jurupari tenha preparado os alimentos que lhe são destinados; não ceder às sombras que nasceram de Ualri e que andam sempre protegidas pela noite.

304 «São estas as principais coisas que de hoje em diante devereis observar escrupulosamente para não cairdes outra vez na ira do tuxaua; e as coisas que ainda faltam eu vo-las direi mais tarde».

305 E elas lhe prometeram obedecer em tudo, e já não se lembravam do que tinha acontecido.

306 Depois disso, Jurupari foi com Arianda e Caryda à casa afastada, e lá deixou o seu disfarce.

307 «Já disse às tuas mulheres as principais coisas que têm de saber, e prometi que a cada maldade da lua haveria uma reunião em que os pajés lhes ensinarão as coisas que ainda faltam; agora chama os teus pajés, dize-lhes a obrigação que têm e faze que a cumpram, e tudo correrá pelo melhor.

308 «Quando elas se tiverem convencido dos perigos que correm não observando as nossas leis, poderás cumpri-las livremente e fazer as festas dos homens aqui mesmo na maloca, porque elas não quererão expor-se a perder

a vida. E se alguma não obedecer, mata-a à vista de todas, para exemplo das companheiras.

309 «Caryda te ensinará hoje mesmo a música dos mortos, que deverá ser tocada no dia em que tiveres de chorar os que morreram e quando lhes beberes as cinzas.

310 «Toma estes ornamentos e esta máscara, que só usarás nesses dias e que só o tuxaua e o pajé poderão vestir».

311 As mulheres, entretanto, nem se atreviam a sair de casa, com medo de fazer alguma coisa de mal.

312 Mas Curàn, que era astuta e cheia de audácia, passava dias inteiros na cachoeira, sentada sobre uma pedra, com a cabeça entre as mãos.

313 Caminda ia todas as tardes buscá-la para levá-la de volta para casa; mas uma tarde não a encontrou mais ali e, desesperado, reuniu todos os homens da aldeia e pôs-se a procurá-la, mas inutilmente, e até hoje ninguém sabe que destino teve. A maioria, contudo, acreditou que a Cobra Grande a tivesse levado para o fundo das águas; e contam até que, desde aquele dia, à meia-noite, no meio da cachoeira de Nusquè-buscà, aparece uma belíssima mulher de cabelos negros, que, depois de cantar a música e o canto de Jurupari, desaparece outra vez nas águas.

314 Antes que chegasse a hora da maldade da lua, Caryda foi atacado por dois tananás (grandes grilos que devem o nome ao seu grito, em nheengatu), que se lançavam sobre ele com a força de um curaby (flecha de arremessar com a mão, sempre envenenada, em nheengatu).

315 Caryda fugiu para onde estava Jurupari, mas também ali os tananás o perseguiram.

316 Então Jurupari, vendo Caryda perseguido, disse assim: «Estamos traídos outra vez». Tirou as sombras do céu e viu dois dos velhos Tenuiana que cantavam e tocavam a música e o canto de Jurupari no meio de mulheres.

317 «Caryda, segura-te firme em mim, porque temos de partir».

318 E voaram na direção da maloca nunuiba, e com eles voaram também os tananás. Jurupari tentou apanhá-los, mas eles lhe sumiram diante dos olhos.

319 E Caryda perguntou: «Aonde vamos?»

320 «Punir os dois traidores».

321 «Eram eles os dois tananás?»

322 «Não, mas foram os donos deles que os mandaram espiar-me».

323 «Então eles já estão lá, e os velhos têm tempo de se esconder».

324 «E onde poderão esconder-se que eu não o saiba? Escondam-se eles no seio das águas, ou no seio da terra, ou no ar, eu os encontrarei sempre».

325 E entretanto passavam sobre o lugar onde antes estivera a Jurupari-oca, e Jurupari perguntou a Caryda:

326 «Onde está a tua pussanga?»

327 «Aqui está».

328 «Dá-ma e toma esta outra, com que perseguirás um dos traidores até matá-lo; e qualquer coisa que quiseres fazer, poderás, se, pondo-a no nariz, guardares no coração a vontade do que queres fazer».

329 E Jurupari consultou as sombras do céu e viu os traidores já fugindo, um em forma de anta e o outro em forma de verme, entrando na fenda de uma pedra.

330 «Eu vou atrás da anta, e tu atrás deste.» E Jurupari transformou-se logo numa grande onça, seguindo as pegadas da anta com a velocidade de uma flecha, e Caryda transformou-se em tatu e entrou pela fenda da pedra atrás do verme.

331 Quando Jurupari chegou ao rio Inambu, a anta já tinha passado para a outra margem, e, como ele não podia molhar o seu matiry, voltou a ser homem e atravessou o rio. Mas, quando também ele chegou ao outro lado, a anta se tinha transformado em cujubim e voava na direção do rio Içana; e ele se transformou logo num pequeno e ligeiro falcão e foi atrás dela.

332 Quando chegou à margem do rio, o cujubim se tinha feito uma grande cobra e escondido na água; e Jurupari, que não podia molhar o matiry nem separar-se dele, resolveu apanhar a cobra por meio de um cacuri.

333 Para isso fez com uma ilha um dos lados do cacuri e com pedras amontoadas o resto, deixando no meio passagem livre por onde a cobra devia entrar; e, para ser avisado quando ela entrasse, pôs de guarda um acauã.

334 Quando tudo estava pronto, Jurupari voltou ao lugar onde estava a cobra e atirou na água uma boa quantidade de pimenta.

335 Logo que a cobra sentiu o ardor da pimenta, desceu o rio, e quando já ia entrar no cacuri o acauã deu o sinal, fazendo um grande alarido.

336 A cobra ouviu-o e, querendo saber o que era, transformou-se em sapo e veio à superfície da água; então Jurupari atirou-lhe à cabeça um amuleto, que a transformou em pedra.

337 Consumada esta vingança, partiu à procura de Caryda; e quando chegou à montanha e viu a abertura que se embrenhava na terra, duvidando da pouca experiência dele, consultou a sombra do céu e viu que o verme já estava no rio Cuduiary, transformado em cigarra. Transformando-se então em diuná (pequeno falcão, mas muito ousado), foi logo para lá e encontrou a cigarra cantando sobre a pedra, e no mesmo instante transformou-a em musgo.

338 Voltou então a procurar Caryda, que entretanto tinha entrado quase até o centro da terra para encontrar o verme; e, como não podia ouvi-lo porque estava muito longe, atirou dentro da fenda um pouco de pó, que se transformou logo em formigas, as quais desapareceram dentro da fenda.

339 Caryda, mordido pelas formigas, veio para fora, e Jurupari perguntou-lhe onde estava o seu inimigo, e ele respondeu:

340 «Creio que as formigas o comeram».

341 «Tens certeza da sua morte?»

342 «Não tenho, mas suponho».

343 «Pois bem, vamos ver se é verdade o que me dizes». E pegou a sombra do céu, mostrou-lhe o velho transformado em musgo e perguntou-lhe: «Por que não recorreste à tua pedra?»

344 «Porque não me passou pela cabeça que um verme fosse capaz de enganar um tatu. Mas agora peço-te que me digas como estes dois velhos revelaram às mulheres os nossos segredos.»

345 «Todas as mulheres são curiosas, e desde o dia em que levei para longe da nossa casa as mulheres que foram a desgraça de Ualri, elas nunca deixam de investigar o motivo do nosso desaparecimento.

346 «Estes dois velhos voltaram à terra de Nunuiba para ensinar a nossa lei, e as mulheres, logo que eles chegaram, puseram-se à volta deles para saber o que queriam; e, como eles eram fracos para resistir, ensinaram-lhes todos os nossos segredos e a música e o canto de Jurupari.

347 «Mas depois, receando que eu soubesse de alguma coisa, mandaram os seus amuletos para que os avisassem quando eu me aproximasse; e, se não tivessem sido avisados a tempo, teriam sido castigados do mesmo modo.

348 «As mulheres não sabem nada do que aconteceu; pensam só que os velhos se esconderam para não as acompanharem nas festas».

349 «E que fazem os dois que ficaram lá?»

350 «Ensinam ao tuxaua e aos pajés a música e o canto de Jurupari».

351 Jurupari não gostava de saber de antemão o que estava para acontecer; por isso não sabia o que acontecia com os outros dois velhos que tinham ficado entre os Nunuiba.

352 As Nunuiba, vendo que os dois velhos não apareciam, foram seduzir com toda sorte de artifícios os dois que ficavam, para que acabassem de lhes ensinar a música e o canto de Jurupari.

353 Miuá, a mais perita na arte da doçura, conseguiu que eles cedessem e prometessem todos os segredos de Jurupari e dar-lhes os instrumentos.

354 Promessa feita é promessa cumprida; no dia seguinte os velhos acabaram os instrumentos para poderem começar a festa de noite.

355 Quando veio a tarde, todas as mulheres da maloca nunuiba estavam reunidas na sala da festa, e os dois velhos começaram a tocar os seus instrumentos com as mulheres, e as que não tinham instrumentos acompanhavam com o canto.

356 O tuxaua Nunuiba, com a sua gente, estava vendo a festa e supunha que aquela tal lei de Jurupari fosse uma mentira inventada pelos dois velhos, e assim dizia à sua gente:

357 «Não vedes como eles nos queriam enganar com Jurupari? Ontem nos diziam que tudo isso devia ser um segredo para as mulheres, e hoje são eles que o ensinam a elas.

358 «Se fosse verdade que o sol mandou Jurupari para nos dar leis, não seriam eles os primeiros a desobedecer-lhes?»

359 Mas então o pajé disse: «Em verdade, Jurupari existe, e existem estas leis, e cedo ou tarde também vós o conhecereis; e esses dois não são senão dois violadores das suas leis e hão de pagar bem caro a sua condescendência».

360 Ora, na terceira noite, quando a embriaguez já estava diminuindo, os dois velhos lembraram-se do delito que estavam cometendo e imediatamente fugiram da sala e esconderam-se na floresta, porque perceberam que o castigo já vinha se aproximando.

361 E Nunuiba e os seus, vendo-os fugir, perguntaram ao pajé: «Por que fogem?»

362 «Porque Jurupari vem para castigá-los.»

363 Então todos viram uma grande fumaça branca levantar-se no meio da sala, e logo os instrumentos ficaram sem voz, e sem voz ficaram as cantoras, e todos permaneceram na posição em que estavam.

364 E as que dançavam continuavam a dançar, e as que tocavam faziam como se tocassem, mas todas ficavam num profundo silêncio.

365 Nunuiba perguntou ao pajé: «Que é isto?»

366 «O castigo de Jurupari.»

367 «E onde está ele?»

368 «Na floresta, caçando os traidores».

369 E naquele momento ouviram-se grandes risadas de todos os lados, e todos perguntaram:

370 «Quem são esses que se riem das nossas desgraças?»

371 «Os Uacten-mascan, que estão gozando o castigo que Jurupari dá às nossas mulheres, que causaram a perdição de Ualri. Já não vos lembrais de Ualri, que na fogueira disse que logo seria vingado? Diadue foi a primeira de quem se vingou, e estas, que também foram cúmplices dela, pagam agora.»

372 E Nunuiba perguntou ao pajé se não podia remediar tantos males.

373 «Nunca me porei contra o filho do Sol. É mais fácil que ele me arremesse contra uma pedra do que eu fazer mal a Jurupari, que é muito mais forte do que eu».

374 Entretanto Jurupari e Caryda corriam, transformados em cães, atrás dos fugitivos, que se tinham transformado em cutias; e quando já estavam para alcançá-los, estes se transformaram em pássaros, seguindo pela correnteza do rio.

375 «Caryda», gritou Jurupari, «os nossos inimigos já voam como pássaros; voemos também nós atrás deles».

376 E ambos voaram, transformados em passarinhos ligeiros; e quando já estavam para alcançá-los, os dois se transformaram em grãos de pedra, de modo que os perderam de vista e foram obrigados a parar sobre uma pedra, onde Jurupari, tirando a sombra do céu, viu que um já corria transformado em veado e o outro se tinha escondido no rio transformado em caranguejo.

377 E disse Jurupari: «Tu persegues este; eu perseguirei o veado».

378 E Jurupari voou como águia e correu atrás do veado, alcançou-o quando ele chegava ao rio e ali mesmo lhe cravou as garras na carne e o transformou em pedra.

379 Entretanto Caryda se tinha atirado na água, transformado em lontra; e o caranguejo, logo que sentiu a lontra, transformou-se numa grande piraíba e veio ao encontro da lontra; e, como esta não teve tempo de se transformar, foi engolida.

380 Caryda, já dentro da barriga da piraíba (peixe grande), ria-se da calma com que ela subia o rio. Chegando onde a água dorme ao pé da cachoeira, transformou-se de lontra em porco-espinho, de modo que a pobre piraíba começou a dar saltos desesperados até ir encalhar na areia, onde morreu.

381 Então Caryda saiu do ventre da piraíba, rindo por tê-la enganado tão bem; e, vendo Jurupari, que, sentado numa pedra, assistia à morte do último traidor, disse-lhe:

382 «Divertiram-te os últimos saltos que dava a piraíba enquanto eu lhe furava o ventre?»

383 «Muitíssimo. Onde está a tua pussanga?»

384 «Aqui está».

385 «Está bem. Agora voltemos para onde deixamos as Nunuiba quase loucas, que a esta hora devem estar meio mortas de sede e de fome. Tu transforma-te num pequeno falcão, e eu me transformarei em maccary; e quando chegarmos à sala da festa iremos pousar no alto da viga mestra».

386 Nunuiba e os seus estavam desesperados ao ver o estado lastimável a que tinham ficado reduzidas as suas mulheres.

387 Só o pajé estava tranquilo e não respondia às perguntas que lhe faziam, fumando o seu cigarro e aspirando grandes pitadas de caraiuru, e de tempos em tempos olhava para o oriente como se esperasse alguém.

388 As risadas que vinham da floresta vizinha, misturadas com assobios, faziam os homens perder ainda mais a cabeça diante daquele triste quadro, e Nunuiba agarrou-se ao pajé e gritou:

389 «Por que não vamos matar aquelas sombras que zombam de nós com os seus assobios e as suas risadas?»

390 E o pajé respondeu: «Pensas então que as tuas flechas podem atingir alguma daquelas sombras? Já te disse que só Jurupari tem o poder de fazer calar estas sombras, de restituir a razão às mulheres e de ensiná-las a respeitar a sua lei».

391 Nesse instante entraram na casa o falcãozinho e o maccary, que foram pousar na viga mestra.

392 E os guerreiros que traziam armas cruzaram as flechas para fazer pontaria nos pássaros; mas quando, puxando a mão para o peito, estavam para disparar, ficaram como inertes naquela mesma posição; só se ouvia a sua respiração, e as risadas e os assobios na floresta cessaram.

393 Então Jurupari e Caryda desceram de um salto para o meio da sala, e Jurupari falou assim, dirigindo-se ao tuxaua e ao pajé:

394 «Tirai os instrumentos e os ornamentos de penas destas mulheres e queimai tudo».

395 E eles obedeceram, e, quando isso foi feito, ele continuou:

396 «Levai-as agora a comer e depois voltai para me ouvir, logo que as tiverdes deixado a dormir nas suas redes».

397 E quando o fizeram e voltaram, Jurupari continuou:

398 «Agora que estamos sós, deveis ouvir o que vos resta fazer e que leis tendes de cumprir de hoje em diante sobre a terra.

399 «Tu, Caryda, leva estes homens à margem do rio, para que mergulhem e tirem dele os restos dos ossos de Ualri, para preparar os instrumentos com que esta noite se possa ensinar o canto e a música de Jurupari».

400 E, voltando-se então para Nunuiba, continuou assim: «Tu pertences àquela gente que até hoje sempre me traiu, e os teus seguem o teu exemplo.

401 «Vejo em ti a impaciência, a sem-vergonhice e toda a maldade daqueles velhos que me traíram aqui, mas que já foram castigados.

402 «Pensavas que eu não conhecia o que nutrias contra mim no fundo do teu coração quando puni as tuas mulheres?

403 «Crês que eu não sei que perguntaste ao pajé se ele podia pôr remédio aos males que caíam sobre os teus, chegando até a ameaçá-lo para obter o que ele não podia fazer, surdo a todos os conselhos que ele também te dava?

404 «Mas não quero punir-te pelas ameaças que me fizeste, armando os teus guerreiros contra mim; e hoje mesmo te ensinarei a lei, a música e o canto de Jurupari, para mudar os usos e os costumes dos teus, que são maus; por isso, logo que venha a noite, reúnam-se todos nesta casa, tu e os teus».

405 Caryda, mal chegou ao rio, mandou os guerreiros mergulhar, e estes encontraram logo os restos dos ossos de Ualri ainda no mesmo lugar, abaixo da cachoeira; e, quando aqueles restos foram tirados para a terra, Caryda cortou-os segundo a lei e fez com eles instrumentos iguais aos primeiros.

406 O sol já estava se pondo quando chegaram à casa onde estava Jurupari, e então este terminou os instrumentos, que pôs de pé à volta da sala.

407 E quando acabou, disse a Nunuiba:

408 «Manda os teus comer e, quando tiverem acabado, ordena que voltem aqui».

409 E logo os Nunuiba sentiram uma grande fome, porque não comiam desde o começo da dança das mulheres.

410 Quando a noite cobriu a terra, os instrumentos começaram a tocar sozinhos a música de Jurupari, e Nunuiba e a sua gente ficaram maravilhados ao ouvi-los.

411 Jurupari veio então para o meio da sala e disse assim:

412 «Todos podiam duvidar das palavras daqueles velhos insensatos, que desmentiam as próprias palavras ensinando às mulheres o que não deviam; mas não deviam duvidar do pajé, que por sua vez confirmava a existência da lei de Jurupari.

413 «Se não fosse que a tua velhice, ó tuxaua, impõe tanto respeito aos teus, eles nunca teriam ousado voltar as suas flechas contra mim e teriam escutado sem duvidar o que o pajé lhes dizia.

414 «Tu ainda pertences àquela gente que pensa que ninguém lhe pode fazer frente. Mas em verdade te digo que, se não mudares de pensamento, o dia de amanhã não te pertencerá».

415 E Nunuiba respondeu: «Como posso desobedecer, se me tens ao teu lado, pronto a fazer o que disseres?»

416 «Todos me obedecem sempre quando estão sob a minha vista, para me desobedecerem logo que viro as costas».

417 E então deu a conhecer todos os pontos da sua lei e depois ensinou a música e o canto de Jurupari.

418 E quando, com a primeira luz do dia, terminou a festa, Jurupari disse:

419 «Agora que já conhecem a minha lei, com que se devem mudar todos os usos e os costumes da terra, o pajé faça respirar a fumaça do seu cigarro às mulheres que estão dormindo, e elas acordarão sem se lembrar das loucuras que cometeram e que fizeram cometer».

420 E, tendo Jurupari dissolvido a reunião, o pajé foi acordar as mulheres com a fumaça do seu cigarro.

421 Elas ficaram loucas três dias e três noites, sem reconhecer ninguém, e quando lhes voltou a razão não se lembravam mais do que tinha acontecido, nem da festa nem do castigo que foi a sua consequência.

422 Desde aquele dia o pajé foi sempre ouvido e obedecido em tudo e por tudo.

423 Depois da profanação cometida por Curàn, os Tenuiana que tinham ficado na terra de Arianda partiram para diversos pontos da terra.

424 Os que se dirigiram para o oriente encontraram logo uma maloca de gente muito bonita.

425 O costume do lugar era escolher para tuxaua o mais bonito da tribo, fosse homem ou mulher, e naquele tempo fora eleita Naruna, belíssima mulher.

426 Ora, também entre os Tenuiana havia um belíssimo rapaz chamado Dáte.

427 Naruna, quando o viu, propôs-lhe que se casasse com ela, para se tornar assim tuxaua da terra.

428 E foi assim que ela falou a Dáte:

429 «Quero ser tua mulher, porque és o rapaz mais bonito que me apareceu até agora, e por essa razão tu me pertences».

430 Dáte, que não sabia que caminho tomar para mudar os costumes do lugar segundo as leis de Jurupari, aceitou a oferta de Naruna para poder introduzi-las melhor.

431 «O nosso casamento será na noite das maldades da lua, porque nesse tempo toda a minha gente estará aqui reunida.

432 «Entretanto já podes vir morar nesta casa com os teus companheiros, pois em breve serás o tuxaua desta terra».

433 Dáte e os seus companheiros, já alojados na casa do tuxaua, estudavam dia e noite como haviam de mudar os usos e os costumes do lugar segundo as leis de Jurupari sem que surgisse contra elas algum obstáculo.

434 Todos obedeciam cegamente às leis que os regiam, e não parecia fácil poder mudá-las de um momento para outro, tanto as suas pareciam mais rigorosas.

435 Dáte perguntava aos companheiros qual seria o melhor modo de conseguí-lo, e Iadié respondeu-lhe assim:

436 «Antes do teu casamento com a senhora do lugar, parece-me que nada se pode fazer. É melhor que nos sujeitemos primeiro a tudo, até que sejas tuxaua, e então poderemos pôr em prática as leis de Jurupari».

437 «E Jurupari não se inquietará com o nosso modo de agir?»

438 «Se ele deu a ti ou a algum outro de nós algum amuleto, é bom temer que ele nos castigue; mas, se não deu nada, é melhor esperar a ocasião propícia para agir.

439 «De que nos serviria agora chamar todos os homens e contar-lhes a lei de Jurupari? Todas as mulheres o saberiam logo e o contariam a Naruna, que certamente nos mandaria matar».

440 «Vejo que não podemos introduzir a nossa lei, porque não temos nenhum amuleto; mas, como o dia do meu casamento não está longe e eu me torno tuxaua desta tribo, então alcançaremos com certeza o nosso objetivo».

441 Jurupari e Caryda, quando deixaram a terra dos Nunuiba, dirigiram-se à Serra do Tenui e chegaram lá no momento em que os seus companheiros choravam e bebiam as cinzas das suas mães; e logo tomaram os instrumentos fúnebres e tocaram a música dos mortos.

442 Quando o dia voltava com as suas alegrias, tudo estava terminado, e cada um se recolhia à sua casa, onde só havia silêncio.

443 E assim se passaram três dias, e no quarto, que era a véspera da maldade da lua, Jurupari e Caryda foram com os companheiros às margens do Lago Muypa, onde se banharam; e quando acabaram, Jurupari disse:

444 «Agora que não vejo mais na terra traidores que possam impedir que os usos e costumes da nossa lei sejam observados em todas as terras do sol, vou descansar; descansai também vós, porque depois cada um irá cumprir o que tem de fazer; mas antes ouvi a triste história das nossas mulheres:

445 «Depois que deixaram este lugar, tomaram como guia da sua viagem as águas do rio.

446 «E lá muito abaixo encontraram uma terra onde os habitantes eram como elas, mas não têm leis, e ali ficaram todas, dizendo que tinham abandonado a terra onde moravam porque a mãe da água tinha chamado ao fundo do rio todos os homens da sua tribo.

447 «E então o tuxaua perguntou-lhes aonde queriam ir.

448 «"Queremos ficar aqui".

449 «"E se a mãe da água vier atrás de vós?"

450 «"Ela recuará diante das flechas dos teus guerreiros."

451 «"Seja assim; mas onde encontrarei homens para todas vós?"

452 «"Não queremos homens, porque prometemos nunca mais nos unir a homens".

453 «"E se eu desse a cada uma um marido, teríeis coragem de recusá-lo?"

454 «"Para te obedecer, os aceitaríamos, mas não para ter filhos deles, e sim para tratá-los como irmãos".

455 «"Está bem; hoje mesmo cada uma de vós terá um irmão para distraí-la e contar-lhe histórias".

456 «E logo que veio a noite, o tuxaua mandou a cada mulher um irmão; e quando os recém-chegados lhes diziam que tinham sido mandados para contar histórias, elas, em vez de ouvi-los, atiraram-se nos seus braços e os receberam como maridos».

457 . . . . . .

458 «Agora que já sabeis a sorte destas mulheres impacientes, descansemos, porque amanhã cada um deve retomar o seu caminho».

459 Foi a primeira vez que Jurupari dormiu depois de tantas fadigas, e foi visitado pela mãe dos sonhos.

460 Viu em sonho o embaraço em que se achavam Dáte e os companheiros na terra de Naruna e, ao acordar, contou o sonho a Caryda.

461 «Olha», disse este, «se a mãe dos sonhos te disse a verdade».

462 E Jurupari, tirando as sombras do céu, viu nelas fielmente pintado tudo o que tinha sonhado, de modo que disse a Caryda:

463 «Tudo é verdade, e por isso iremos àquela terra ajudá-los, mas transformados em outros homens, para ver se algum dos nossos não cai vencido.

464 «Lá tomaremos parte amanhã na festa junto com os outros.

465 «Despede-te dos teus companheiros, que não tornarás a ver tão cedo, porque de lá cada um de nós seguirá o seu caminho, até que o Sol nos reúna».

466 Caryda foi despedir-se dos companheiros e prometeu-lhes que um dia, quando menos o esperassem, havia de voltar com Jurupari.

467 E recomendou-lhes que fossem severos com as mulheres e castigassem sem piedade os traidores, em qualquer parte da terra onde os encontrassem.

468 Quando Caryda se juntou a Jurupari, este lhe falou:

469 «Vamos visitar pela última vez esta colina onde nascemos e de onde foram dadas as primeiras leis, que devem pôr fim a estes costumes livres, que são a vergonha da terra.

470 «As nossas mães morreram para servir de exemplo às mulheres curiosas que não quiseram crer na palavra de Pinon, pai desta nova geração, de que também nós somos.

471 «Até hoje aquelas loucas não creem na palavra de Pinon, que, transformado em pajé, lhes predisse tudo o que nós realizamos com a minha lei, que só deixará de ter força quando aparecer na terra a primeira mulher perfeita.

472 «Esta colina nunca mais será habitada, porque as sombras das nossas mães e dos meninos mortos estrangulados não deixarão que ninguém venha morar aqui, para não profanar o lugar onde eu nasci e não espantar Seucy, a senhora do lago.

473 «E todas as nossas coisas ficarão aqui transformadas em pedras para dar testemunho de nós.

474 «Agora só temos meia lua para ficar juntos; amanhã partiremos para a terra de Naruna para assistir ao casamento de Dáte.

475 «Não sei o que me acontecerá, porque o Sol não me deu as sombras do céu onde se pinta o futuro; por isso, pela primeira vez, aceitarei tudo o que tiver de acontecer.

476 «E, como não quero ser reconhecido por Dáte, esconderei o meu matiry numa pele de até, e quando chegarmos lá à hora da tristeza devemos logo tomar lugar entre os dançarinos e seguir em tudo os usos e os costumes da

terra».

477 Logo que chegou a hora, Jurupari e Caryda partiram para a terra de Naruna, onde chegaram sem serem pressentidos.

478 Mas a lua ainda não tinha chegado ao ponto da sua maldade, e todos estavam conversando; e uma moça bonita andava de grupo em grupo procurando um companheiro para a festa próxima, e, chegando perto de Jurupari, disse-lhe:

479 «Belo Tenuiana, tu serás o meu companheiro na festa do casamento: aceitas?»

480 E, tendo Jurupari aceitado, ela continuou:

481 «Bem, virei buscar-te aqui mesmo quando chegar a ocasião».

482 Logo que a lua começou a produzir os seus efeitos, as mulheres começaram o casamento de Naruna e Dáte.

483 Todas as mulheres entraram com o seu companheiro na sala, onde já estava Jurupari com a sua bela companheira.

484 Naruna, coberta de penas de arara e de águia, entrou então na sala com Dáte, que a precedia com os instrumentos.

485 Logo que os noivos estavam no meio da sala, formou-se à volta deles a grande roda, que andava para a esquerda, enquanto Dáte e Naruna andavam para a direita.

486 O bater dos pés dos dançarinos cobria os alegres sons da música.

487 Quando a lua chegou ao meio do céu, Naruna ofereceu o capy a todos os dançarinos, e, quando o último foi servido, abraçou o noivo.

488 E todas a imitaram; Jurupari tentou esquivar-se, mas a mestra de cerimônias, que vigiava para que os usos fossem observados, obrigou-o a ceder à sua companheira, que ainda não tinha conhecido homem.

489 E Jurupari, gemendo, cedeu.

490 Quando o curàmpa deu o sinal de que amanhecia, todos se levantaram, e Naruna distribuiu outra vez o capy em tal quantidade que todos logo ficaram atordoados. Só Jurupari bebeu, bebeu e não sentiu efeito nenhum.

491 Depois a dança continuou, entrando agora na roda os noivos e sendo tocador Iadié, que levava pelo braço a sua bela companheira; assim passaram o dia inteiro dançando.

492 Chegada a noite, repetiu-se a cerimônia que tanta dor tinha causado a Jurupari.

493 Quando o sol voltou, Naruna e Dáte entraram no quarto nupcial, de onde deviam sair no dia seguinte para receber os presentes dos parentes.

494 Como daquele momento em diante não havia mais obrigação de dançar, Jurupari e Caryda foram conversar fora da casa, e Jurupari disse:

495 «Se eu tivesse suspeitado do que me esperava, nunca teria assistido ao casamento de Dáte e não teria dado a minha palavra de me sujeitar a todos os costumes desta gente. Mas ninguém mais verá Carumà, pois hoje ela é minha, e a levarei para longe da vista dos homens, para que não seja manchada a única mulher que me coube».

496 «E que presente», perguntou Caryda, «ofereceremos a Dáte?»

497 «Tu lhe darás os teus ornamentos de penas; eu, esta pele de até com um amuleto».

498 E quando as primeiras alegrias do dia clareavam as raízes do céu, todos se reuniram na sala da festa para entregar os presentes aos noivos e saudá-los.

499 E quando o sol apareceu, Naruna e Dáte saíram do quarto nupcial e vieram para o meio dos reunidos receber os presentes que cada um lhes oferecia; e quando Jurupari se adiantou para dar o seu presente a Dáte, Naruna exclamou de modo que todos a ouviram:

500 «Onde estavas tu, que não te vi?»

501 «Faço parte da gente do teu marido».

502 «Mas tu és o rapaz mais bonito que já vi! Eu sou a senhora desta terra e só eu faço a minha vontade; por isso hoje mesmo me casarei de novo contigo, e tu serás o meu primeiro marido, e Dáte, o segundo».

503 «Isso não pode ser; Dáte é o teu único e legítimo marido.»

504 «Já disse que sou a senhora desta terra, onde só se faz a minha vontade; hoje mesmo, se não quiseres morrer às mãos dos meus guerreiros, serás meu marido».

505 E a sua voz foi pouco a pouco diminuindo, até cessar de todo, e toda a sua gente ficou paralisada.

506 Então Dáte disse a Jurupari:

507 «Tuxaua, eu te esperava para poder remediar todos estes males.»

508 «Amanhã tira deste matiry o amuleto que está nele, põe-no no nariz e guarda no coração o que quiseres que se faça, e tudo será feito. Quando restituíres a razão a esta gente, ninguém se lembrará do que aconteceu, e po-

derás governar esta terra a teu gosto, porque nem a própria Naruna se lembrará mais de que aqui a sua vontade era lei, e te obedecerá cegamente».

509 Quando Jurupari acabou de falar, tomou Carumà e desapareceu com ela rumo ao levante, deixando atrás de si uma fumaça densa que tinha cheiro de resina de cumaru.

510 Dáte, no dia seguinte, pegou o amuleto, que era uma unha de águia, pô-lo no nariz, soprou no rosto da sua gente, ainda imóvel, e quando chegou ao último e se voltou, viu que todos já estavam vivendo.

511 E disse então a Iadié: «Acorda toda esta gente e ordena que vão banhar-se».

512 E assim se fez, e todos correram ao rio para se banhar, e com eles foi também Naruna.

513 Quando Naruna voltou, estava tão humilhada que Dáte sentiu o coração chorar e perguntou-lhe:

514 «Por que dormiste tanto?»

515 «A mãe do sono me enganou».

516 «Para que ela não te torne a enganar, antes de voltares a dormir vai tomar outro banho».

517 E Naruna ficou tão envergonhada com esta observação do marido que foi para a cozinha e escondeu-se dentro de um grande pote de caxiri.

518 Quando chegou a hora da refeição, ela não apareceu.

519 «Onde está minha mulher?»

520 «Não sei», respondeu Iadié.

521 «Onde está minha mulher?»

522 E ninguém respondeu; então ele tomou o seu talismã e quis que Naruna viesse à sua presença. Então todos viram o pote de caxiri, que estava na cozinha, vir até onde estava Dáte sem que ninguém o trouxesse; e quando Dáte perguntou ainda:

523 «Ninguém sabe onde está minha mulher?»

524 O pote quebrou-se e apareceu o corpo de Naruna já sem pele, tão forte era a bebida.

525 Quando Dáte viu que Naruna já estava morta, amaldiçoou Jurupari.

526 E de todos os que estavam presentes ninguém soube quem a tinha matado.

527 Dáte, dizem, talvez não sabendo servir-se do amuleto, matou Naruna sem querer.

528 Quando apareceu o sol do dia seguinte, enterraram o corpo de Naruna junto a um tronco de inajá (espécie de palmeira), onde todas as noites Dáte ia depositar beiju, peixe e outros alimentos, para que a sombra de Naruna se alimentasse.

529 Iadié foi encarregado de ensinar à tribo de Dáte a lei, a música e o canto de Jurupari.

530 Ninguém se opôs, e os novos usos e costumes foram logo observados em toda a terra.

531 Depois da morte de Naruna, Dáte vivia triste e solitário, sem sequer conversar com os seus companheiros.

532 O seu lugar era no alto de uma pedra, com os olhos voltados para o oriente.

533 Ora, Iadié, que executava as suas ordens, indo uma vez dar-lhe conta do que fizera, encontrou-o chorando e perguntou-lhe:

534 «Que tens? Vejo em ti os sinais dos teus desgostos denunciarem a tua fraqueza».

535 «Eu mesmo não sei o que é; mas tenho uma tristeza que me domina a ponto de veres. Nada me falta, tenho em vós amigos fiéis, mas uma dor desconhecida me mata».

536 E mal acabou, caiu morto, e Iadié apressou-se a receber nos braços o seu infeliz companheiro.

537 O amuleto que estava dentro da pele de Dáte começou a fazer barulho; pareciam dentes batendo uns nos outros.

538 Iadié apressou-se a apoderar-se dele e, pondo-o no nariz, pediu para ser ele o eleito chefe da tribo.

539 Quando chegou à maloca com o corpo de Dáte, os Tenuiana pintaram-se de urucum e choraram.

540 O corpo de Dáte foi enterrado no mesmo lugar onde estava o corpo de Naruna, e Iadié ia todas as noites levar comida às suas sombras.

541 Ora, como a lei de Jurupari já estava em uso nesta terra, os Tenuiana partiram para outros lugares a cumprir o seu dever, e Iadié ficou sozinho a governar aquela terra.

542 Ele, contudo, era muito mulherengo e foi namorando todas as moças, transgredindo com isso a lei de Jurupari, pois a sua mulher estava grávida.

543 E todas aquelas moças formaram uma conspiração feminina para obrigá-lo a declarar-se e a dizer qual delas tinha o direito de lhe dar um herdeiro.

544 Mas as mulheres eram o dobro dos homens da maloca, e Iadié teve medo e não respondeu.

545 Gidánêm, moça bonita, mas de mau gênio, foi a primeira que deu à luz um menino, que foi imediatamente depositado na casa de Iadié.

546 Este, furioso com isso, mandou logo atirar ao rio o seu próprio filho.

547 Gidánêm então, à frente de todas as mulheres, foi à casa de Iadié, e todas juntas o mataram; depois mataram todos os seus guerreiros, poupando só alguns rapazinhos que acompanharam a própria mãe na luta.

548 E o mais velho desses rapazinhos, chamado Calribóbó, foi eleito tuxaua.

549 Calribóbó já conhecia toda a lei de Jurupari e continuou a observá-la estritamente.

550 Ora, todas as noites, na casa onde Iadié tinha morado, ele ouvia cantar um grilo, mas tão alto que o incomodava.

551 Lembrava-se de todas as coisas que tinha visto e ouvido, e de que uma vez dois Tenuiana falaram de uma pussanga que Jurupari tinha distribuído à sua gente.

552 Certamente Iadié devia ter uma, e prometeu a si mesmo ir procurá-la logo que viesse a noite.

553 Quando veio a noite, foi direto à casa onde Iadié tinha morado, em busca da pussanga, e, mal entrou, ouviu o canto do grilo.

554 E procurou matá-lo; mas qual não foi o seu espanto ao ver que o grilo que fazia tanto barulho era uma unha de águia, fechada de um lado com cera de abelhas!

555 E, adivinhando que aquela unha de águia era o amuleto, pegou-a e pô-la logo no nariz, pedindo para saber tudo o que ainda não sabia.

556 E assim foi, e dali em diante Calribóbó governou os seus com tamanha sabedoria que jamais alguém se queixou dele.

557 Depois que Jurupari e Caryda deixaram com Carumà a terra de Naruna, dirigiram-se para o oriente, até as margens de um rio de águas brancas, e ali subiram até tocar o céu, deixando cair dali Carumà.

558 E o corpo de Carumà, caindo, quanto mais se aproximava da terra tanto mais crescia, de modo que, quando pousou no chão, se tinha transformado numa grande montanha.

559 E Caryda e Jurupari ficaram ainda algum tempo suspensos no ar; depois desceram também eles e pousaram no cume da nova montanha, nas margens de um lago formosíssimo, todo cercado de ervas perfumadas.

560 E Jurupari falou assim:

561 «Eis aqui a primeira e única mulher que me teve, posta em toda a segurança longe da vista dos homens.

562 «Um dia, quando tudo estiver consumado, então virei buscá-la para irmos viver juntos bem perto das raízes do céu, onde quero descansar das fadigas da minha missão, longe dos olhos de todos.

563 «Hoje, ó Caryda, é o último dia que ficamos juntos, e antes de nos separarmos quero contar-te o segredo da minha missão sobre a terra.

564 «O Sol, desde que a Terra nasceu, procurou uma mulher perfeita para chamá-la para perto de si; mas, como até hoje não a encontrou, confiou-me parte do seu poder para ver se neste mundo poderá haver uma mulher perfeita».

565 «E qual é a perfeição que o Sol deseja?»

566 «Que seja paciente, que saiba guardar um segredo e que não seja curiosa.

567 «Nenhuma mulher que hoje existe na terra reúne estas qualidades: se uma é paciente, não sabe guardar segredo; se sabe guardar segredo, não é paciente; e todas são curiosas, querem tudo saber e tudo experimentar.

568 «E até agora ainda não apareceu a mulher que o Sol deseja possuir.

569 «Quando a noite de hoje estiver no meio, devemos separar-nos; eu irei para o oriente, e tu, seguindo o caminho do sol, irás para o poente.

570 «Se um dia o sol, tu e eu nos encontrarmos no mesmo lugar, quererá dizer que apareceu na terra a primeira mulher perfeita».

571 Depois disso Jurupari foi para a margem oposta do lago e, sentado numa pedra, ficou a contemplar a própria imagem refletida na água.

572 Caryda, tomado por uma força maior do que a sua vontade, ficou no mesmo lugar, sem poder seguir o companheiro.

573 Quando a lua vinha surgindo do seio da terra, apareceu na superfície da água uma belíssima mulher, que Caryda reconheceu como Carumà.

574 Ela cantou o canto e a música de Jurupari com tanta doçura que Caryda adormeceu, e, quando acordou alta noite, não viu mais ninguém.

575 Mas, olhando melhor para o oriente, viu já muito longe duas figuras que pareciam seguir o mesmo caminho; e então Caryda levantou-se e dirigiu os seus passos para o poente.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0